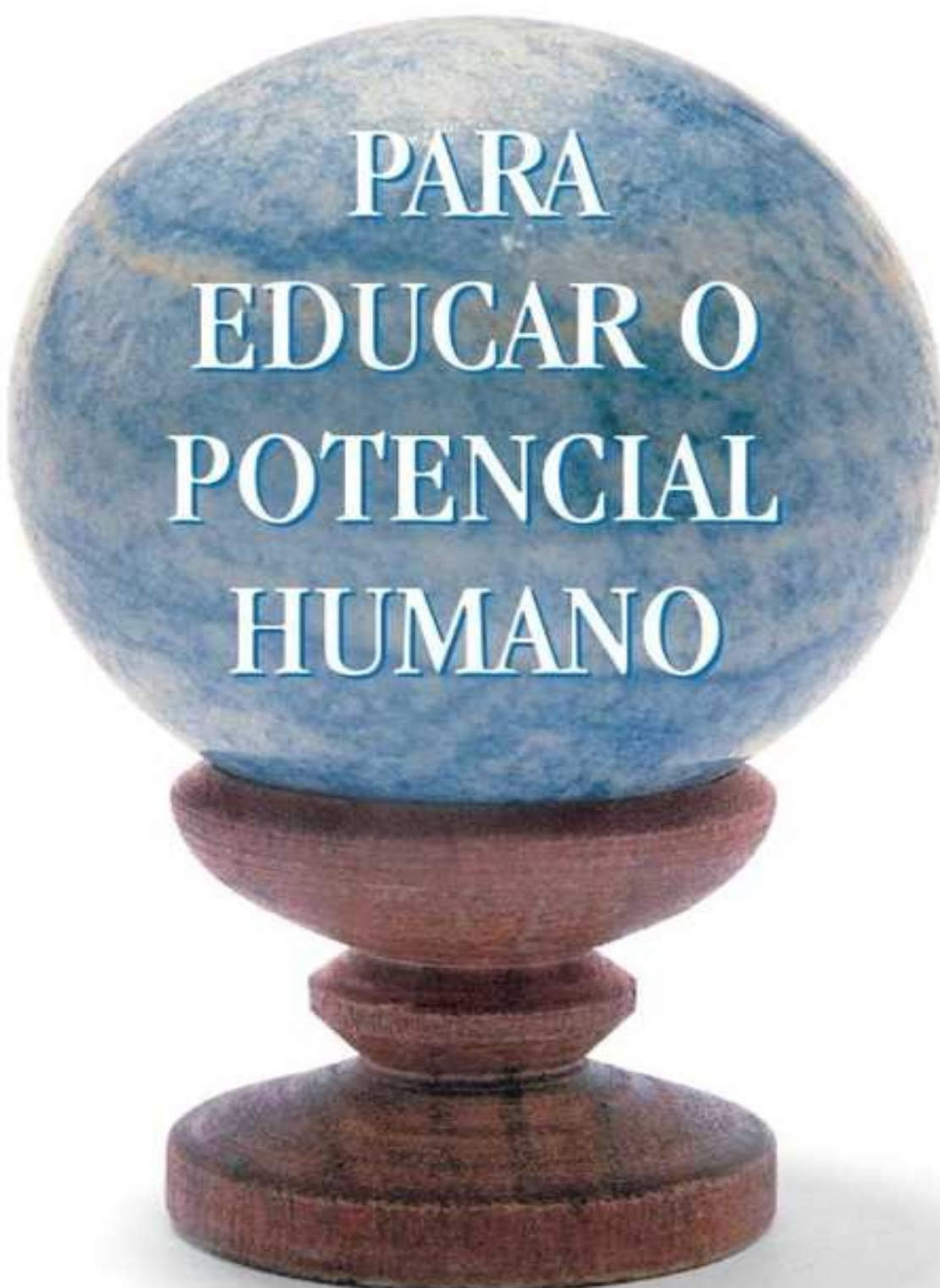


MARIA MONTESSORI



PARA
EDUCAR O
POTENCIAL
HUMANO



P A P I R U S



MARIA MONTESSORI

PARA
EDUCAR O
POTENCIAL
HUMANO



P A P I R U S

1. [PARA EDUCAR O POTENCIAL HUMANO](#)
 1. [O DRAMA DO OCEANO](#)
 2. [O HOMEM PRIMITIVO](#)
 3. [DIGNIDADE E DESFAÇATEZ](#)
2. [PAPIRUS EDITORA](#)

Maria Montessori (1870-1952), psiquiatra e educadora, é natural de Chiaravalle (Itália). À frente de seu tempo em muitos aspectos, foi a primeira mulher a obter o diploma de Medicina em seu país.

Profunda observadora da criança e do jovem, voltou-se para os estudos pedagógicos e estruturou o Sistema Montessori de Educação, colocando em prática uma visão de educação apoiada em seus estudos e nos trabalhos de grandes pesquisadores da pedagogia e da psicologia. Propõe um método educacional baseado no conhecimento científico sobre o modo de aprender do educando. Suas ideias se concretizaram por intermédio das *Casas dei Bambini*, que rapidamente se espalharam pelo mundo, exigindo que a doutora Montessori viajasse para vários países onde desenvolveu cursos sobre seu sistema educacional. Além disso, participou de numerosos congressos em que defendeu a criança e uma educação com vistas a um mundo melhor. A busca da paz por meio da educação foi uma de suas bandeiras.

Entre as obras de Maria Montessori, vale lembrar: *The Montessori method*; *The pedagogical anthropology*; *The advanced Montessori method*; *Peace and education*; *The secret of childhood*; *The child in the family*; *Education to a new world: What you should know about your child* e *From childhood to adolescence*.

PARA EDUCAR O POTENCIAL HUMANO

MARIA MONTESSORI

Tradução Minam Santini

Consultoria e revisão da tradução Sonia Maria Alvarenga Braga

- [PARA EDUCAR O POTENCIAL HUMANO](#)
 - [O DRAMA DO OCEANO](#)
 - [O HOMEM PRIMITIVO](#)
 - [DIGNIDADE E DESFAÇATEZ](#)
- [PAPIRUS EDITORA](#)

PARA EDUCAR O POTENCIAL HUMANO

P A P I R U S EDITORA

*Capa Foto de capa Coordenação Tradução Revisão técnica da
tradução Copidesque Diagramação Revisão*

Exceto no caso de citações, a grafia deste livro está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa adotado no Brasil a partir de 2009.

Fernando Cornacchia Rennato Testa Beatriz Marchesini Mirian Santini

Sonia Maria Alvarenga Braga Lúcia Helena Lahoz Morelli DPG Editora

Maria Lúcia A. Maier e Solange F. Penteado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montessori, Maria, 1870-1952.

Para educar o potencial humano (livro eletrônico)/Maria Montessori; tradução: Mirian Santini; consultoria e revisão da tradução: Sonia Maria Alvarenga Braga. - Campinas, SP: Papirus. 2014.

3.039 Kb: PDF

Título original: To educate the human potential.

ISBN 978-85-308-1119-8

1. Educação Finalidades e objetivos 2. Educação - História 3. Educação de crianças 4. Montessori Método 5. Psicologia educacional I. Título.

14-03253 CDD-371.392

Índices para catálogo sistemático:

1. Método Montessori: Educação 371.392

2. Montessori: Método: Educação 371.392

Proibida a reprodução total ou parcial da obra de acordo com a lei 9.610/98. Editora afiliada à Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA: © M.R. Cornacchia Livraria e

CONCLUSÕES

Este livro tem por objetivo dar sequência à obra *Educação para um novo mundo* e visa também auxiliar os professores a contemplar as necessidades da criança a partir dos seis anos. Pretendemos que o menino ou a menina de educação fundamental, de 12 anos, que tenha sido educado até então em uma de nossas escolas, saiba pelo menos tanto quanto alguém que concluiu o ensino básico, produto de diversos anos de precedência, e que esse objetivo tenha sido atingido sem qualquer dor ou distorção causada ao corpo ou à mente. De preferência nossos alunos estarão com todo seu ser equipado para a aventura da vida, acostumados ao livre exercício do querer e do julgamento, iluminados pela imaginação e pelo entusiasmo. Somente tais alunos podem exercitar corretamente as obrigações dos cidadãos em uma sociedade civilizada.

Os primeiros quatro capítulos são principalmente psicológicos, mostrando a modificação da personalidade com a qual o professor tem que lidar quando as crianças estão na idade de seis anos, e a necessidade de uma correspondente mudança de abordagem. O segredo do sucesso está na utilização correta da imaginação, em despertar interesses e no estímulo de sementes de interesse já apresentadas por meio da utilização

de materiais atraentes do ponto de vista literário e ilustrativo, mas todos correlacionados a uma ideia central, de magnífica inspiração - o Plano Cósmico no qual todos, consciente ou inconscientemente, servem ao grande *propósito da vida*. É mostrado como a concepção da evolução foi ultimamente modificada, por meio das descobertas geológicas e biológicas, de maneira que a autoperfeição agora tem de gerar frutos em antecipação à satisfação dos desejos naturais primários.

Os oito capítulos seguintes mostram como o Plano Cósmico pode ser apresentado à criança, por meio de um encantador conto de fadas sobre o planeta em que vivemos, abordando as lentas mudanças que ocorreram nas eras anteriores - quando a água era o trabalhador-chefe da natureza para o cumprimento de seus propósitos como a terra e o mar disputavam a supremacia e

como o equilíbrio dos elementos foi atingido para que a vida pudesse subir ao palco, para representar sua parte no grande drama. Ilustrada como deve ser por gráficos e diagramas fascinantes, a criação da Terra, como nós agora sabemos, se revela à imaginação da criança, e sempre deve ser dada ênfase na função que cada elemento tem que representar na natureza, seja consciente ou inconscientemente, e no fato de que o fracasso disso leva à extinção. Assim, o conto prossegue até o aparecimento do homem paleolítico, demonstrado mais significativamente pelas ferramentas que ele utilizava em seu ambiente, do que pelas características físicas dessa criatura tão desprezada. O novo elemento da mente é trazido para a criação pelo homem, e nesse momento a criança é auxiliada a ver a grande aceleração que aconteceu na evolução. Ela aprende a reverenciar os pioneiros, que trabalharam por propósitos muitas vezes desconhecidos deles mesmos, mas que agora são identificados. O homem nômade e os colonizadores igualmente contribuíram para a construção das primeiras comunidades e, na alternância entre guerra e paz, para compartilhar e propagar hábitos sociais.

A partir do Capítulo 13 são dadas breves descrições de algumas civilizações primitivas, particularmente com uma visão sobre os impactos entre elas mesmas, demonstrando que a sociedade humana foi se organizando lentamente para alcançar a unidade, da mesma forma que no ser humano individual, os órgãos do corpo são construídos com base em diferentes centros de interesse, para serem posteriormente conectados por meio do sistema de circulação sanguínea e dos nervos, constituindo, assim, um organismo humano integrado. Então a criança é orientada, por meio do exame de algumas das mais excitantes épocas da história do mundo, para ver por quanto tempo a humanidade esteve em estado embrionário e que só agora está emergindo num verdadeiro nascimento, capaz de conscientemente realizar sua verdadeira unidade e função.

Os últimos capítulos voltam aos pontos de vista psicológicos, incutindo nos educadores a suprema importância, para a nação e para o mundo, do papel que lhes é imposto. O professor não deve trabalhar a serviço de algum credo político ou social, mas a serviço do ser humano completo, capaz de exercer com liberdade um desejo de autodisciplina e julgamento, jamais pervertido e distorcido pelo medo.

A CRIANÇA DE SEIS ANOS CONFRONTADA COM O PLANO CÓSMICO

A educação para crianças de 6 a 12 anos não é uma continuação direta daquela que ocorreu anteriormente, embora seja construída sobre as mesmas bases. Psicologicamente, há uma mudança decisiva na personalidade, e nós reconhecemos que a natureza concebeu esse período para a aquisição de cultura, da mesma forma que concebeu o anterior para a absorção do meio ambiente. Nós somos confrontados com um desenvolvimento considerável de consciência que já se instalou, mas que agora é arremessada para fora com um direcionamento especial, a extroversão da inteligência, e há uma demanda incomum por parte da criança em saber as razões das coisas. O conhecimento pode ser mais bem aplicado onde haja ânsia de saber, portanto esse é o período em que o semear de qualquer coisa pode ser feito. A mente da criança - comparando-se a um campo fértil - está pronta para receber o que será plantado culturalmente, mas, se negligenciada durante esse período, ou frustrada em suas necessidades vitais, tomar-se-á embotada artificialmente, ficando, desse momento para frente, resistente ao conhecimento transmitido. O interesse tampouco estará lá se a semente for tardia, mas, aos seis anos, todos os itens da cultura são recebidos entusiasticamente e mais tarde essas sementes irão expandir-se e crescer. Se questionada sobre quantas sementes podem ser germinadas, minha resposta será: “Tantas quantas forem possíveis”. Olhando à nossa volta a situação do desenvolvimento cultural da nossa época de evolução, nós não vemos limites para o que deve ser oferecido para a criança, para que seu querer seja um imenso campo de atividades selecionadas e não seja atrasado pela ignorância. Mas transmitir a totalidade da cultura moderna tem-se tornado uma impossibilidade e, assim, surge a necessidade de um método especial, por meio do qual todos os fatores da cultura sejam introduzidos para a criança de seis anos; não se trata de um plano de estudo a ser imposto a ela, com exatidão de detalhes, mas da transmissão do maior número possível de sementes de interesse. Esses interesses serão imperceptivelmente retidos na mente, mas serão capazes de mais tarde germinar- assim como o querer transforma-se em algo mais diretivo e, dessa forma, a criança poderá vir a se tornar um indivíduo adaptado a estes tempos expansivos.

Um segundo lado da educação nessa idade refere-se à exploração do campo moral pela criança, na discriminação entre o bem e o mal. Ela não mais será receptiva, absorvendo impressões com facilidade, mas irá querer entender por si mesma, não se contentando com a aceitação de meros fatos. Conforme a atividade moral vai se desenvolvendo, ela vai querer utilizar seu próprio julgamento, que com frequência será completamente diferente dos julgamentos realizados por seus professores. Não há nada mais difícil do que ensinar valores

morais para uma criança dessa idade, pois ela dá um retomo imediato a tudo que nós dizemos, transformando-se num rebelde. As mães geralmente se sentem magoadas porque seus filhos, anteriormente amorosos e afetuosos, tornaram-se impertinentes e arrogantemente dominadores. Uma mudança interna aconteceu; a natureza é bastante lógica ao estimular agora na criança não somente uma fome de conhecimento e compreensão, mas a reivindicação de uma independência mental, um desejo de distinguir entre o bem e o mal com seus próprios recursos - nesse momento a criança se ressentida da limitação imposta pela autoridade arbitrária. No campo da moralidade, ela agora está em busca de suas próprias luzes interiores.

Ainda um terceiro fato interessante a ser observado na criança de seis anos é sua necessidade de associar-se aos outros, não meramente por causa de companhia, mas por alguma forma de atividade organizada. Ela gosta de se misturar com os outros em um grupo em que cada um tem um *status* diferente. Um líder é escolhido e ele é obedecido e assim um grupo forte é formado. Essa é uma tendência natural e é por meio dela que a humanidade torna-se organizada. Se durante esse período de interesse social e agudeza mental forem oferecidas à criança todas as possibilidades de cultura, a fim de expandir sua visão de mundo e suas ideias sobre ele, essa organização será formada e se desenvolverá; a quantidade de luz que uma criança tenha conseguido no campo da moral e os elevados ideais que ela tenha formado serão proveitosos para os propósitos de organização social em um estágio posterior.

Entretanto, todos os demais fatores submergem na insignificância se comparados à importância de alimentar a faminta inteligência e de abrir vastos campos de conhecimentos para ávida exploração. Se nos dedicarmos a essa tarefa sem qualquer método, nós com certeza a consideraremos absolutamente impossível de ser executada. Mas nós já possuímos o segredo por meio do qual o problema pode ser resolvido, pois já foi introduzido na própria criança em seus primeiros anos de vida. Nós não somos desconhecidos para ela, nem ela é desconhecida para nós, e nós já aprendemos, por intermédio dela, certos princípios fundamentais de psicologia. Um deles é que a criança precisa aprender por meio de suas próprias atividades individuais, sendo dada uma liberdade mental para que ela obtenha o que precisa, e que ela não deve ser questionada em sua escolha. Nossa forma de ensino deverá somente responder às necessidades mentais da criança, nunca ditá-las. Da mesma forma que uma criança pequena não pode ficar imóvel porque ainda precisa desenvolver a coordenação de seus movimentos, a criança mais velha - que parece ser

problemática, dada sua curiosidade sobre o que são todas as coisas que vê, por que são assim e a razão para existirem - está construindo sua mente por meio dessa atividade intelectual, e a ela deverá ser dado um amplo campo de cultura, no qual poderá se alimentar. A tarefa de ensinar fica mais fácil desde que nós, professores, não tenhamos que escolher o que obrigatoriamente ensinaremos, mas coloquemos tudo diante da criança, para a satisfação de seu apetite mental. A criança deve ter total liberdade de escolha, pois, assim, ela não exigirá nada a não ser experiências repetidas, as quais se tornarão mais e mais percebidas pelo interesse e pela séria atenção durante a aquisição do conhecimento desejado.

A criança de seis anos que frequenta a Escola Montessori tem a vantagem de não ser tão ignorante quanto a criança privada dessa experiência. Ela já sabe ler e escrever, tem algum interesse em matemática, ciências, geografia e história, de maneira que fica fácil introduzi-la a qualquer volume de conhecimento adicional. O professor se vê confrontado com um indivíduo que já obteve as bases da cultura e está ansioso para construir sobre esse conhecimento, para aprender e penetrar mais profundamente em qualquer matéria de interesse. Quanto mais claro for o caminho para o professor, mais passará a impressão de que ele nada tem a fazer ali! Não é bem assim. A tarefa do professor não é menor ou mais fácil. Ele tem que preparar uma grande quantidade de conhecimento a fim de satisfazer a fome mental da criança e ele não é, como o professor comum, limitado por um plano de estudos, prescrevendo somente o tanto de cada assunto a ser transmitido dentro de um espaço de tempo, em que nenhuma explicação pode ser excedida. As necessidades da criança são, claramente, mais difíceis de responder e o professor não pode mais se defender ou esconder-se atrás do plano de estudos e do horário. Ele conta consigo mesmo para adquirir uma relação razoável com cada assunto e, mesmo fazendo isso, somente a parte externa da superfície do problema terá sido penetrada. Mas deixe-o criar coragem, para que ele certamente não fique sem ajuda e desenvolva um projeto testado e planejado cientificamente.

Visto que foi observada a necessidade de oferecer tanto à criança, deixe-nos dar a ela uma visão do universo todo. O universo é uma realidade imponente e uma resposta a todas as perguntas. Nós devemos caminhar juntos por essa estrada de vida, pois todas as coisas são parte do universo e estão conectadas entre si para formar uma única unidade. Essa ideia auxilia a mente da criança a tornar-se estável e suficiente para interromper questionamentos delirantes numa busca sem propósito pelo conhecimento. A criança está satisfeita, tendo encontrado o centro do universo em si mesma e em todas as coisas.

É certamente necessário centralizar o interesse da criança, mas os métodos usuais na atualidade não são eficientes para cumprir com essa finalidade. Como pode a mente de um indivíduo em crescimento continuar estimulada se todo o processo de ensino estiver focado em um assunto particular e de escopo restrito e estiver limitado à transmissão de detalhes tão insignificantes de conhecimento quanto ela é capaz de memorizar? Como podemos forçar a criança a ficar interessada quando o interesse só pode surgir de dentro dela? Somente obrigação e fadiga podem ser induzidas de fora para dentro, nunca o interesse! Esse ponto precisa ficar muito claro.

Se a ideia do universo for apresentada para a criança da maneira correta, isso fará mais do que simplesmente estimular seu interesse, pois criará nela admiração e curiosidade - um sentimento mais sublime do que qualquer outro e ainda mais satisfatório. A mente da criança não irá mais divagar, mas se tomará estável e poderá trabalhar. O conhecimento que ela então adquirir será organizado e sistematizado; sua inteligência toma-se total e completa graças à visão de unidade que lhe foi apresentada e seu interesse espalha-se por tudo e para tudo o que estiver articulado e que tiver seu espaço no universo no qual sua mente está centrada. As estrelas, a Terra, as pedras, a vida de todas as espécies formam um conjunto na relação entre um e outro e tão próxima é essa relação que nós não podemos entender uma pedra sem que haja alguma compreensão sobre o grande Sol! Não importa em que toquemos, um átomo ou uma célula, nós não poderemos explicá-lo sem ter conhecimento sobre o imenso universo. Qual resposta poderia ser mais bem dada aos que clamam por conhecimento? Torna-se duvidoso se até mesmo o universo será suficiente. Como ele foi criado e como irá terminar? Uma imensa curiosidade aparece e poderá nunca ser saciada, assim se perpetuando por toda uma existência. As leis que governam o universo podem se tornar interessantes e maravilhosas para a criança, mais interessantes até que as coisas em si mesmas, e ela começa a se perguntar: O que sou eu? Qual a tarefa do homem neste universo maravilhoso? Nós estamos aqui por acaso ou há alguma coisa a mais a ser feita por nós? Por que nós brigamos e lutamos? O que é o bem e o que é o mal? Onde isso tudo irá acabar?

Esse plano de educação cósmica como uma pedra filosofal do método avançado foi primeiramente exposto na Inglaterra, em 1935, e já foi comprovado que ele é o único caminho pelo qual podemos pisar em terreno firme, de acordo com pesquisas adicionais sobre educação. Ele não pode ser aplicado a pessoas completamente analfabetas ou ignorantes, mas é recebido com prazer pela

criança que tenha sido indiretamente preparada para isso na Escola Montessori. Sinceramente essa não é uma ideia nova, ainda que ultimamente em desuso, pois tem sido o plano natural onde quer que haja educação no sentido real da palavra, voltada para ensinar, pela primeira vez, às crianças sobre a criação do mundo e o lugar do homem nele - questões até então respondidas à luz da religião e da filosofia. A resposta sempre foi a mesma e ainda é: “Deus enviou você à Terra para trabalhar e cumprir suas obrigações!”. Esse princípio pode agora, entretanto, ser desenvolvido em um plano específico e ser transformado em algo muito mais atraente.

O USO CORRETO DA IMAGINAÇÃO

Uma criança de seis anos que vem de uma escola montessoriana, para quem inicialmente esse curso foi desenvolvido, já é possuidora de vários interesses culturais e tem um certo tipo de paixão profunda pela ordem e até pela matemática, tão frequentemente verificada como um obstáculo para a criança comum. Além disso, sua mão já é controlada, possuída e direcionada pela mente nos pequenos movimentos. O trabalho prático realizado em nossas escolas maternas encontrou tal aprovação que nosso manual científico de exercícios é amplamente adotado por escolas que aplicam outros métodos, com respeito aos principais aspectos da educação. Nesta época mais avançada, continuamos permitindo às crianças a oportunidade de aprender por meio de atividades manuais, especialmente em mecânica e física. Por exemplo, as crianças aprendem as leis de pressão e tensão por meio da construção de um arco de pedras, de maneira a mantê-lo unido sem a necessidade da utilização de cimento. Por meio da construção de modelos de pontes, aeroplanos, estradas de

ferro (calculando a curvatura), elas se tornam familiarizadas com os princípios da estática e da dinâmica como parte da rotina diária da escola, uma vez que nosso método é devidamente aplicado com a utilização total do equipamento. Sempre que possível, experiências são apresentadas para exploração de cada detalhe da vida prática, de maneira que nossas crianças possam ser preparadas para participar em uma civilização inteiramente baseada em máquinas.

Algumas escolas modernas, especialmente nos Estados Unidos, ao adotarem essa parte do método, tem ido longe demais, preparando as crianças nesse estágio de crescimento intelectual para se ocuparem exclusivamente com essas máquinas, planejando, com base nisso, o desenvolvimento de sua inteligência. Em tais escolas, as crianças, de posse das máquinas, têm permissão de escolher

seus próprios trabalhos, e isso é considerado muito bom. No entanto, essas escolas excluem, como sendo insignificante e desprezível, qualquer coisa que não possa ser aprendida desse jeito, incluindo-se aí a matemática e outros assuntos abstratos, considerados como estando além da compreensão da criança como atividade livre e espontânea. Baseadas unicamente no trabalho prático, essas escolas são opostas às escolas chamadas "fora de moda", nas quais principalmente assuntos abstratos são ensinados e fatos são memorizados. Nós nos opomos igualmente a ambas.

A personalidade é única e indivisível e todas as atividades mentais dependem de um centro. Esse é o segredo com o qual a criança pequena revela-se a nós, fazendo um trabalho muito além de nossos sonhos e expectativas em todos os campos, incluindo o intelectual e o abstrato, com a condição de que suas mãos possam trabalhar lado a lado com sua inteligência. As crianças demonstram uma grande atração pelos assuntos abstratos quando eles chegam a elas por meio de atividades práticas e prosseguem para campos do conhecimento até aqui inacessíveis a elas, como, por exemplo, a gramática e a matemática. Eu me pergunto como surgiu a teoria de que para trabalhar com a mão o indivíduo deve ter a mente não cultivada, ou que uma mente cultivada seja alcançada sem ajuda das mãos. Deve um homem ser classificado como um trabalhador que utiliza a cabeça ou as mãos, em vez de ser permitido a ele funcionar com sua personalidade total? Onde está a lógica na visão de que o desenvolvimento de somente um dos lados possa ser benéfico para o todo? Em conferências recentes, pessoas altamente distintas que vêm dedicando sua vida à causa da educação discutem seriamente a que se deve dar preferência, se ao método prático ou a uma disciplina intelectual. Para nós, as crianças revelaram que disciplina é resultado somente de um desenvolvimento completo, do funcionamento mental auxiliado pela atividade manual. Permita ao todo funcionar em conjunto e haverá disciplina - de outra forma não haverá. Tribos, grupos, nações são o resultado de disciplina e associação espontâneas. Há apenas um problema, e é o desenvolvimento humano em sua totalidade; uma vez que ele é atingido em qualquer unidade seja uma criança ou uma nação tudo o mais segue espontânea e harmoniosamente.

Sendo convencida então de que toda a personalidade deve estar engajada e que ela precisa ser primeiramente centralizada na ideia cósmica, a pergunta que surge é a de como e quando a ideia deverá ser apresentada. Por meio das crianças mais novas temos aprendido a efetividade de uma abordagem indireta, como, por exemplo, falando com crianças mais velhas na presença das mais

novas, já que em nossas escolas as idades são, dentro de uma extensão limitada, misturadas. Quando nós tentamos mostrar algo às crianças mais velhas, as mais novas aglomeram-se ao nosso redor, demonstrando ávido interesse. Esse interesse foi especialmente demonstrado por uma criança de seis anos e dirigido a um mapa ilustrando os tamanhos relativos do Sol e da Terra pelo globo e pelo ponto. As crianças mais novas ficaram estarecidas quando perceberam o que isso invocava nelas e não eram capazes de se desligar, ao passo que as crianças mais velhas, para as quais essa atividade fora planejada, acharam-na lugar-comum e precisaram de um algo mais para que fosse despertado nelas interesse similar. Há uma diferença entre tal entusiasmo e mera compreensão. O ponto e a esfera tocaram a imaginação da criança mais nova, deixando-a cheia de entusiasmo por algo que está além de seus limites anteriores e que não pertence ao ambiente físico, portanto não sendo possível de ser agarrado com a mão. Se, entretanto, essa ilustração em particular deixou a criança mais velha imóvel, isso não significa que nada tenha o poder similar de toear sua imaginação, conduzindo-a além de seu mundinho para um grande domínio, por meio de enormes progressos em direção ao universo desconhecido; mas a criança não poderia atingir sem ajuda tais maravilhas e mistérios. E por esse caminho das grandes realidades, que podem ser tocadas pela imaginação, que a criança é conduzida entre as idades de seis e doze anos. A visão imaginativa é completamente diferente da mera percepção de um objeto, pois esta não tem limites. A imaginação não somente pode viajar através do espaço infinito, mas também através do tempo infinito; nós podemos voltar através das épocas e ter a visão da Terra como ela era e com as criaturas que a habitavam. Para tornar clara essa ideia, independentemente de a criança ter ou não entendido, nós devemos ver se ela pode formar uma visão em sua mente, se ela ultrapassou o nível de mera compreensão.

A consciência humana está no mundo como uma bola inflamada pela imaginação. Tudo que é inventado pelo homem, de maneira física ou mental, é fruto da imaginação de alguém. No estudo da história e da geografia, nós estaríamos perdidos sem a imaginação, e quando nos propomos apresentar o universo à criança, o que mais podemos utilizar além da imaginação? Eu considero um crime apresentar tais assuntos como se fosse correto e criativo ajudar a faculdade imaginativa de tal maneira a negar sua utilização e, por outro lado, exigir que a criança memorize o que ela não foi capaz de visualizar. Esses assuntos devem ser apresentados de maneira que possam tocar a imaginação da criança e fazê-la entusiástica, para então adicionar combustível ao fogo flamejante que tenha sido aceso.

O segredo de um bom ensino é respeitar a inteligência da criança como um campo fértil onde as sementes devem ser semeadas, para crescer no calor da imaginação flamejante. Nosso objetivo, portanto, não é apenas fazer com que a criança compreenda e menos ainda forçá-la a decorar, mas sim tocar sua imaginação no sentido de entusiasmar a no seu âmago. Nós não queremos alunos complacentes, mas sim ávidos por conhecimento; nós procuramos semear mais a vida na criança do que as teorias, ajudá-la em seu crescimento mental e emocional, assim como fisicamente, e para isso devemos oferecer ideias grandiosas e sublimes à mente humana - a qual encontramos sempre preparada para recebê-las, exigindo cada vez mais e mais.

Especialistas em educação geralmente concordam que a imaginação é importante, mas eles a teriam cultivado em separado da inteligência, da mesma forma que separariam essa segunda da atividade manual. Eles são os vivisseccionistas da personalidade humana. Na escola, querem que as crianças aprendam fatos secos da realidade enquanto a imaginação delas é estimulada por contos de fadas, interessada em um mundo que é certamente repleto de maravilhas, mas que não é o mundo à sua volta, no qual vivem. Certamente esses contos possuem fatores impressionantes que levam a mente infantil a sentir pena e horror, pois estão cheios de desgraça e tragédia, de crianças famintas, doentes, abandonadas e enganadas. Assim como os adultos encontram prazer em teatro dramático e literatura, esses contos de duendes e monstros dão prazer e movimentam a imaginação da criança, mas eles não têm qualquer conexão com a vida real.

Por outro lado, oferecendo à criança a história do universo, nós lhe damos algo cerca de mil vezes mais infinito e misterioso, para que seja reconstruído com sua imaginação - um drama que nenhuma fábula pode revelar. Se a imaginação for educada meramente por contos de fadas, o prazer que isso dá será continuado mais tarde, no máximo, por meio da leitura de romances, mas nós não devemos jamais limitar tanto sua educação. Uma mente que está habituada a procurar o prazer somente em contos fantásticos irá lentamente, porém sem sombra de dúvida, tornar-se preguiçosa, incapaz de preocupações nobres. Na vida social nós encontramos inúmeros exemplos desse tipo de mente preguiçosa - pessoas somente preocupadas em estar bem vestidas, fofocar com os amigos e ir ao cinema. A inteligência dessas pessoas está desesperançosamente enterrada sob barreiras que não podem mais ser removidas. O interesse delas toma-se mais e mais estreito, até que esteja centralizado ao redor de sua própria insignificância, excluindo as maravilhas do mundo e a solidariedade

com a humanidade sofredora. Elas são verdadeiras mortas em vida.

A NOVA PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE

Desde o início do século XX, uma grande mudança tem ocorrido nos estudos psicológicos e de maneira significativa os novos psicólogos estão em conflito com os métodos anteriormente estabelecidos de educação, embora eles próprios estejam impossibilitados de conceber como as escolas devem ser convencidas a seguir as novas linhas. Mas, na realidade, essa nova tendência já encontrou uma força de expressão em nossas escolas, com a qual as teorias psicológicas mais antigas não têm nada a ver, seja na prática, seja na organização. A psicologia moderna adapta-se exatamente ao nosso método, pois apesar de a ciência antiga ser baseada na observação de fatos superficiais do consciente, a nova busca observar o inconsciente da mente e experimenta seus segredos a fim de descobrir a relação entre a mente e os fatos da vida.

Os psicólogos mais antigos traçaram uma forte distinção entre os fatos da vida e os fatores psicológicos, mantendo-os com os polos separados; mas os exploradores do campo do inconsciente descobriram que o estudo desse segundo item pode ser colocado na mesma base que os fatores biológicos e que, de mais a mais, a mente é uma unidade, um

todo, não divisível em um número de faculdades mentais separadas, tais como a memória, a razão, a atenção e a associação de ideias, sendo cada uma conscientemente treinada. A educação utilizada para o interesse em si mesma, principalmente com o treinamento em separado da *atenção*-ou seja, o poder de raciocínio para captar o que é ensinado - e do *querer* - que é o esforço voluntário para aprender -, fez a mente ser observada como superior aos instintos vitais, a ser enfatizada e treinada exteriormente. Na atualidade, a mente é pensada como uma coisa única, não como faculdades mentais separadas e, primordialmente, conectadas com a personalidade; assim, a psicologia moderna forma um complemento ao nosso método de educação.

De acordo com esses novos modos de pensamento, nós nos preocupamos com três fatores centrais, sendo o primeiro o impulso vital, parte da própria vida. Ele tem o poder de reter parte de todas as experiências pelas quais o indivíduo foi submetido e não é exclusivo dos seres humanos, mas sim de todas as criaturas vivas. A fim de obtermos algo da vida, nós devemos guardar as marcas das experiências vividas, e é aqui que entra a memória para nos auxiliar. Mas logo

nós percebemos as desvantagens da memória consciente, quão embaçadas e indefinidas são suas imagens. A psicologia moderna, entretanto, afirma que o inconsciente - ou subconsciente - lembra-se de tudo; assim, a memória assume o aspecto de um vasto mistério, necessitando de um estudo mais apurado para sua elucidação.

Essa memória subconsciente tem uma mobilidade maravilhosa e tudo está lá armazenado, mesmo que nós não tenhamos consciência disso. Assim, há uma memória racial, de cuja ajuda todas as criaturas vivas se utilizam a fim de realizar a reprodução de sua espécie e perpetuar sua maneira de viver. Em virtude disso os pássaros podem construir seus ninhos de acordo com a maneira tradicional, relativa à sua espécie. Essa

1. Maria Montessori. no Capítulo 7 de seu livro *Mente absorvente* (1ª ed. 1949; ed. bras. 1987, Rio de Janeiro: Nórdica), explica a *mneme* como a memória natural superior, memória vital. (N.R.)

importante memória é chamada de *mneme*¹ e c graças a ela que uma criança reconhece inconscientemente os sons da fala humana c retém esses sons para imitá-los. Somente uma parte bem pequena da *mneme* penetra os limites do consciente e essa parte é o que nós chamamos de memória. Todas as experiências pelas quais os indivíduos passam na vida são guardadas na *mneme* e não somente a infinitésima parte que entra no consciente.

Para um simples experimento em psicologia, pode ser pedido a uma pessoa que memorize uma lista de sílabas sem ligação direta e repita, de memória, o mesmo conteúdo da lista depois de um intervalo de alguns dias, desde a realização do exercício. Essa pessoa terá esquecido as sílabas, mas poderá agora ser capaz de memorizá-las em um espaço de tempo muito menor, porque elas foram retidas na *mneme*. Isso não é uma acumulação de memórias que são deixadas na *mneme*, mas um poder de retornar experiências para a memória consciente do local de onde elas foram lançadas. Um homem instruído pode não ter qualquer memória de muitas coisas que aprendeu na escola, mas tem inteligência e um poder de rápida apreensão dos assuntos que foram retidos pela *mneme*. Assim, não é a experiência por si mesma mas suas marcas deixadas para trás na *mneme* que fazem a mente poderosa, e tais marcas são conhecidas como *reminiscências*.

O subconsciente está repleto dessas *reminiscências*, por meio das quais o intelecto cresce muito mais do que pela memória consciente. Pela nossa

utilização desse fato, sucede que em nossas escolas os poderes intelectuais da criança tornam-se muito mais ampliados, enquanto em escolas comuns o único objetivo é armazenar conhecimento na memória consciente, não sendo dada à criança nenhuma oportunidade para as experiências contínuas e variadas, a fim de incrementar suas *reminiscências*.

Outro fator vital da mente é o desejo de conduzir uma ação ate seu término e isso é parte do que vem sendo chamado de *impulso vital*. O filósofo Bergson deu esse nome ao desejo vital que conduz toda criatura humana a experiências, para o armazenamento de *reminiscências*. Esse poder faz com que as crianças em nossas escolas trabalhem espontaneamente, persistindo na repetição da mesma experiência até que estejam completamente satisfeitas. Às vezes, isso recebe o nome de *desejo de viver* e, em conexão com o ser humano, é classificado entre o consciente e os fatores psíquicos, enquanto em outras criaturas humanas isso se ordena como biológico e subconsciente. Verdadeiramente, o *impulso vital* está em cada faceta da vida, e, quando ele emerge à parte consciente da mente, torna-se um fator voluntário, como o desejo. O tão imenso desejo vital subconsciente é agora chamado pelos psicólogos como o *impulso espontâneo*, o qual possui um campo relativamente tão vasto em extensão como aquele do desejo consciente, da mesma forma que a *mneme* é comparada à memória. Os seres humanos podem ser forçados a agir por meio do *impulso espontâneo* sem que o desejo esteja entrando conscientemente em ação, como no caso do hipnotismo, e isso é certamente sentido como sendo perigoso para a humanidade, pois há forças às quais nós ainda não estamos familiarizados e, assim, conseqüentemente, não podemos nos defender bem contra elas. A inter-relação de mentes ocupa o mais importante capítulo da psicologia humana; os homens frequentemente apresentam atitudes por razões que eles, geralmente, não são capazes de explicar. Algumas atitudes apresentadas pelas crianças, que acarretam serias reações nelas mesmas, são desse tipo; para que as gerações mais novas possam crescer mais bem defendidas contra esses perigos, é necessário que elas sejam entendidas e que o desejo consciente seja bem desenvolvido e exercitado logo de início, como é feito pelo Método Montessori de Educação.

O terceiro fator importante nesse labirinto do subconsciente é o que geralmente se chama de *associação de ideias*, ou de princípio da formação sequencial de pensamentos. É nisso, principalmente, que todos os métodos de educação têm sido baseados, ao redor de uma ideia inicial - mas ideias podem ser montadas em sintonia ou diametralmente em oposição àquela ideia. Os psicólogos modernos agora observam isso como sendo de importância secundária e somente como

verdade superficial. Eles dão menos importância às ideias do que às *reminiscências*, as quais se associam dentro do subconsciente toda vez que a mente se torna interessada em algo. Essa associação de *reminiscências* é espontânea e, de longe, mais ativamente poderosa e duradoura do que qualquer cadeia induzida de ideias relacionadas. É bem sabido que um aluno de matemática pode refletir durante horas sobre algum problema sem obter sucesso, até que decide “dormir sobre o problema” e, assim, ao acordar, encontrará soluções fáceis. Isso decorre do fato de que ele descansou e, dessa maneira, pôde entender e pensar melhor? Não. Imediatamente após acordar, ele está consciente do problema já sendo resolvido em sua mente, como se a solução em si mesma o tivesse forçado a acordar e registrá-la. Isso somente pôde acontecer porque as *reminiscências* não dormiram, mas, em associação, fizeram o trabalho e compeliram-no para o plano da consciência.

Assim, pode-se dizer que todo ser humano faz seu trabalho mais inteligente no plano subconsciente, onde os complexos psíquicos são a construção de *reminiscências*. E estes fazem muito mais do que criar uma associação de ideias, pois se organizam para realizar o trabalho que nós não somos capacitados para cumprir conscientemente. Os complexos psíquicos auxiliam um escritor a criar ideias maravilhosas, novas para sua mente e vagamente atribuídas à inspiração. O trabalho desses complexos é de imensa importância na educação.

De acordo com essas descobertas, nós estamos agora avisados para não nos esforçarmos em memorizar alguma parte importante do trabalho, mas de preferência conhecê-la superficialmente e colocá-la de lado por alguns dias, a fim de que as *reminiscências* tenham tempo para se organizar em concentração, isso é exatamente o que acontece em uma escola montessoriana, onde as revelações das crianças sobre seus próprios processos mentais têm antecedido pesquisas psicológicas. As crianças são frequentemente vistas caminhando sozinhas enquanto outras estão trabalhando, pois logo depois de aprenderem algo elas sentem necessidade de tranquilidade e, ao retornarem à sala de aula, demonstrarão uma nova habilidade, da mesma forma que uma criança retomando das férias será capaz de entender o que antes estava obscuro. Pela luz desses fatos, quão fútil e até mesmo perversa parece ser a preparação rápida para um exame!

Embora nós, felizmente, admitamos esses tantos pontos de entendimento com os psicólogos modernos, cujos trabalhos são complementares aos nossos, temos que discordar deles em um ponto muito importante. Eles tem até aqui falhado na

aplicação de suas teorias de problemas educacionais, convencidos de que ela será atingida somente por futuras gerações de homens, enquanto nós sabemos que essas teorias podem ser imediatamente aplicáveis se forem realizadas em condições ideais. Estudos psicológicos têm sido continuados fora das escolas, com conclusões sendo derivadas da humanidade adulta e de investigações experimentais sobre o inconsciente, e elas têm sido desapontadoras em relação às expectativas desses psicólogos de que as crianças deveriam reagir de uma maneira especial quando seus novos métodos fossem praticados nelas. Mas nós aprendemos que a psicologia infantil não é a mesma do adulto e sua condição essencial é a liberdade para agir em um ambiente preparado, onde a criança possa ser inteligentemente ativa. Enquanto os professores impuserem suas conclusões às crianças eles nunca alcançarão a finalidade esperada, que é o interesse espontâneo da criança e sua aplicação. Assim, muito tem sido dito ultimamente, seguindo análises psicológicas, sobre a sublimação dos instintos, e tem-se procurado executar essas análises por meio do cultivo de sentimentos e de emoções, mas as crianças em idade escolar mostram-se indiferentes. Os psicólogos baseiam suas teorias no comportamento animal e na resposta madura às análises psicológicas e vão em frente em direção à reforma educacional, juntando-se a nós em um certo ponto do caminho, na medida em que nós prosseguimos baseados na criança. Eles buscam um método de educação para satisfazer sua teoria, enquanto nós buscamos uma teoria psicológica que satisfaça nosso método.

Como exemplo dessa *sublimação dos instintos*, um escritor contemporâneo disse corretamente que a ciência moderna é um monumento para a curiosidade sublimada. Nós concordamos completamente e temos provado que a criança pode adquirir um grande interesse por ciências e todas as suas maravilhas quando dada a ela uma visão próxima do princípio da vida e seu progresso até os dias atuais. Nós vemos que o instinto de curiosidade da criança é sublimado pelos grandes interesses, mas somente se eles lhe forem apresentados numa idade bem mais precoce do que os psicólogos poderiam supor como possível. A criança nos ensinou que somente nesse estágio preeoc está especialmente favorecida por uma sensibilidade aguda e um interesse que ela irá demonstrar mais tarde, quando for capaz de estudar cientificamente e, mais precisamente, quando já estiver equipada com a emoção e o sentimento por aqueles assuntos. Ela não mais terá simples curiosidade, mas sim um interesse intenso, um entusiasmo baseado na emoção.

A criança deve amar tudo aquilo que aprende, que esteja ligado ao seu

crescimento mental e emocional. O que quer que seja apresentado a ela deve ser feito de forma bonita e clara, impressionando sua imaginação. Uma vez que esse amor tenha sido despertado, todos os problemas que os especialistas em educação enfrentam desaparecerão. O grande poeta italiano Dante disse: “La somma sapienza e il primo amore” - ou seja, “a grande sabedoria é primeiro amar”. Para sublimar a alma, a pessoa tem que alcançar o estado perfeito do amor - o que vem sendo chamado de *amor intelectual*, para distingui-lo do pessoal. As crianças podem e, de fato, amam assuntos abstratos como a matemática, demonstrando que o amor pode existir para o trabalho mental; assim, o sonho do psicólogo para o futuro já teria sido atingido.

Tem-se a esperança de que quando esse sentimento de amor por todos os assuntos puder ser estimulado nas crianças, as pessoas em geral tornar-se-ão mais humanas e guerras brutais acabarão. Mas o amor por ciências e artes e por tudo o mais que a humanidade criou não bastará para fazer com que homens e mulheres amem uns aos outros. Amar um lindo pôr do sol, ou observar, maravilhado, um minúsculo inseto não necessariamente despertam um grande sentimento de afeição dirigido à humanidade, nem tampouco o amor de um homem pela arte produz um amor pelo seu vizinho. O que é de fato necessário é que o indivíduo, desde a mais tenra idade, seja colocado em contato com a humanidade. Não há qualquer amor em nosso coração para com os seres humanos dos quais nós tenhamos recebido e ainda estamos recebendo tanto em pão e roupas, como em tantas outras invenções criadas para nosso benefício. Nós aceitamos e gostamos de tudo que é feito por nós sem que haja com isso gratidão, como, por exemplo, os ateus que negam sua gratidão e o amor de Deus. Talvez nós ensinemos às crianças a agradecer e a rezar a Deus, mas não a agradecer à humanidade, o mais importante agente da criação de Deus; nós não dispensamos qualquer pensamento aos homens e às mulheres que dedicam sua vida para que nós possamos viver de maneira mais abundante. A criança terá o maior prazer em todos os assuntos e ela os considerará fáceis de aprender, se tiver sido conduzida a perceber como esses assuntos vieram à baila e quem os estudou. Nós lemos e escrevemos, e para a criança poderá ser ensinado quem inventou a escrita e os instrumentos com os quais nós escrevemos, como surgiu a imprensa e como os livros tomaram-se tão numerosos. Cada realização ocorre por meio do sacrifício de alguém que agora já está morto. Cada mapa fala eloquentemente do trabalho dos exploradores e pioneiros, os quais se submeteram a dificuldades e experiências as mais variadas para, por fim, encontrarem novos lugares, rios e lagos e fazerem o mundo maior e mais rico para nossa habitação.

Permitam-nos, em educação, sempre chamar a atenção das crianças para a multidão de homens e mulheres que estão à sombra da luz da fama, tão cheios de amor pela humanidade não o incerto e anêmico sentimento pregado hoje em dia como fraternidade, nem o sentimento político de que as classes trabalhadoras devam ser redimidas e levantadas. O que primeiramente se deseja é que não haja caridade patronal para com a humanidade, mas sim uma consciência honrada de sua dignidade e de seu valor. Isso deve ser cultivado da mesma maneira que um sentimento religioso, o qual verdadeiramente deve estar em todos nós, a fim de que não tenhamos que ser lembrados de que nenhum homem pode amar a Deus enquanto permanecer indiferente ao seu vizinho.

O UNIVERSO APRESENTADO À IMAGINAÇÃO DA CRIANÇA

Para despertar o interesse das crianças pelo universo, não devemos começar lhes dando fatos elementares sobre ele com a intenção de fazê-las unicamente entender seu mecanismo, mas começar com noções muito mais sublimes de uma natureza filosófica, colocadas de uma maneira acessível, adaptadas à psicologia da criança. Neste momento nós poderemos evocar, de forma proveitosa, a ajuda de alguns mitos ou de contos de fadas, mas eles devem ser de forma que simbolizem verdades da natureza e não inteiramente fantásticos.

Nós podemos falar da Terra em seus três envoltórios: sólido, líquido e gasoso, e de um quarto envoltório que é a camada da vida, ocupando toda a atmosfera externa e penetrando também nas outras três camadas. Às vezes chamada de “biosfera*”, ou esfera da vida, essa quarta camada é intimamente parte da Terra, como a pele o é dos animais e não como algo que aconteceu por acaso. É, portanto, parte do corpo da Terra.

Como a psique de um animal, sua função é crescer com ela, não somente para si mesma, mas com o intuito de manutenção e transformação da Terra. A vida é uma das forças criativas do mundo; ela é uma energia com leis próprias que são estudadas pela biologia, da mesma forma que há leis governando as mudanças físicas e químicas. Já aprendemos que a vida tem uma tendência à atividade e que tem o poder de adquirir e reter impressões. Esses são os poderes que constroem algo novo para a mente, como estudado em psicologia, e, como energias fundamentais, são os principais poderes da vida. O impulso pela atividade conduz às experiências, as quais são retidas pelo organismo mental. Nos animais, e igualmente nos homens, a *mneme* e o *impulso espontâneo* trabalham em seus campos específicos, mental e físico, e, enquanto estão

em funcionamento, a vida tende à sua própria manutenção, sendo, ao mesmo tempo, conduzida por suas experiências para um aperfeiçoamento do ser - o processo de autoaperfeiçoamento, chamado de evolução.

Da mesma forma que a pele do animal cresce e se modifica de acordo com o crescimento dele, da mesma maneira que as penas de uma ave recém-emplumada ganham beleza, forma e cor de acordo com a chegada da maturidade do pássaro, assim também a vida passa por mudanças juntamente com a evolução da Terra. Isso não quer dizer que a vida tenha que chegar à perfeição por si mesma, mas, sendo uma parte intrínseca da criação, ela faz sua parte na transformação do mundo, suas variações sendo mais relacionadas às necessidades da Terra do que a sua própria compulsão pela perfeição.

A vida é um agente cósmico. Como essa verdade deve ser apresentada às crianças de maneira que toque sua imaginação? Talvez a criança seja mais impressionada pelo tamanho e, assim, a tremenda extensão e magnitude da vida no globo pode ser facilmente introduzida, porque a criança já possui sob seu controle o poder dos números. Primeiro, devemos dar à criança os números referentes à população humana em cada país - estes sendo facilmente recebidos, e então passamos à vida nas profundezas do oceano, as quais sabemos incalculáveis. Primeiro, nós lidamos com aqueles impressionantes gigantes do mar as baleias -, que devem, logicamente em virtude de seu tamanho, ser em menor quantidade que os peixes de tamanho inferior. As baleias vivem em rebanhos nos mares do norte, mas nadam na estação fria para as regiões mais quentes, onde se juntam a outros grupos, como, por exemplo, aos das baleias cachalotes, provenientes do polo sul. Seus rebanhos podem agora ser contados não por centenas, mas por centenas de milhares, de maneira que podemos imaginar o restante da vida marítima, consistindo de uma infinidade de enxames de criaturas de menor importância. Nós precisamos da ajuda dos números para pintar o quadro imaginário; se as estatísticas não estiverem disponíveis, nós podemos falar em termos das áreas cobertas por alguns mares, onde os peixes, em determinadas estações do ano, são arremessados para a superfície. Eles são conhecidos nessa época por cobrir uma área de 40 metros quadrados, sendo que esses são somente alguns dos poucos que chegam à superfície por um distúrbio submarino. Mais adiante, quando considerarmos que uma região comparativamente menor demanda algo como dez mil barcos para trazer à terra o arrastão de peixes, e que as vendas, somente na Europa, de um único tipo de peixe, o bacalhau, atinge a quantidade de 40 milhões por ano, nós começaremos a perceber um pouco sobre a extensão da vida marinha.

Novamente considerando as taxas de produção, o arenque põe 70 mil ovos por vez e o bacalhau, um milhão de ovos duas vezes ao ano - isso durante seu tempo de vida, que é estimado em dez anos.

As crianças gostam de calcular números colossais e pode-se então dizer a elas que o peixe pertence à aristocracia da vida, que as ordens menores são ainda, de longe, mais fecundas e que não há números suficientes para contá-las. As águas-vivas são conhecidas por ocasionalmente virem à tona em tal quantidade que o mais rápido dos navios a vapor demoraria três dias para passar por elas. Esses vastos aglomerados de águas-vivas vivem para se alimentar das ainda mais numerosas e menores criaturas vivas, as quais elas agarram com seus inúmeros tentáculos, mas essas criaturas menores ainda assim parecem inesgotáveis. Nós podemos imaginar quantas dessas criaturas microscópicas devem existir para iluminar milhas e milhas de mar tropical, com sua fosforescência rivalizando-se com as estrelas em uma noite clara. Se em uma única gota d'água observada em microscópio podem-se detectar centenas de criaturas vivas, então qual será esse número no imenso oceano? Tem sido estimado que um dos menores seres da vida marinha pode produzir um milhão de indivíduos iguais a ele em dez dias. Assim, depois de 20 dias, deverá haver milhões dessa espécie e um milhão ao cubo em um mês!

Descobertas similares têm sido feitas em relação a plantas e animais que vivem na terra. Livingstone, o grande explorador, contou 40 mil antílopes em um rebanho que passou por ele na África Central. No ar, um bando de pombos em voo obscureceu a luz do Sol e certos pássaros marinhos na América do Sul são tão numerosos que seus excrementos, deixados nas rochas onde eles descansam, formam um valioso artigo de comércio chamado “guano”. Enxames de gafanhotos são considerados uma peste em várias regiões, limpando cada grão da lavoura conforme passam pelos campos em seus voos e deixando a fome em seu rastro. Na vida das plantas, os números são ainda menos calculáveis. Há florestas onde o subsolo é tão espessamente impenetrável que até mesmo os animais precisam fazer seu caminho através do topo das árvores em busca de alimentos.

A vida é arriscada e cercada por muitos perigos, seja no mar, na terra ou no ar. As espécies marinhas estão constantemente ameaçadas de extermínio em virtude do voraz apetite das criaturas maiores - as mesmas vitimadas umas após as outras. Na Terra, além desses perigos, há também a miséria, as inundações, as erupções, as pragas para modificar a vida, mas nada é comparável à destruição

que poderia sobrevir se o ar ou a água viesse a faltar. Toda forma de vida poderia, então, ser aniquilada de uma só vez. Contra todos os demais perigos os animais estão munidos com seus instintos de autopreservação, de maneira que um número suficiente sobrevive para dar continuidade à espécie, mas contra a escassez desses elementos indispensáveis nenhuma criatura tem qualquer forma de defesa. Além disso, algumas pessoas têm ficado alarmadas com o perigo que pode ocorrer à Terra se houver um resfriamento do solo ou uma possível colisão com um cometa, mas esses riscos são remotos e secundários em comparação com a falta de ar ou de água.

Parece então que desde o princípio remoto de vida na Terra, por meio das grandes mudanças quando os continentes foram submersos e o equilíbrio do mundo modificado, esses dois elementos permaneceram constantes e imutáveis em sua pureza e natureza essencial, embora não necessariamente na forma que eles têm agora. É essa pureza que deve ser mantida; mas no que ela consiste? A água é composta de muitos elementos e tem uma pequena quantidade de um certo sal na proporção de 7 para 100 mil. Uma pequena quantidade como essa é inócua, mas se fosse incrementada para algo como 40 para cada 100 mil, nenhuma forma de vida poderia sobreviver. Como, então, o mar não fica nunca sobrecarregado com esse veneno, conhecido como carbonato de cálcio, apesar de os rios estarem constantemente despejando essas cargas no oceano? Da mesma maneira que o ar possui uma pequena parte de um gás venenoso chamado dióxido de carbono, que também poderia ter resultados mortais se não fosse constantemente modificado pelo trabalho de outros agentes. Como podemos confiar em uma óbvia suficiência de ar adequado à nossa respiração quando sabemos que as plantas e os animais expõem esse gás venenoso na respiração e que cada corpo em decomposição corrompe a atmosfera com seus gases? Essa atmosfera tem somente algumas milhas de profundidade e é mais leve do que o gás mortal, o qual deve ocupar então a parte mais baixa dela, condenando-nos - assim poderia parecer ao inevitável. Mas nós não estamos apavorados por esse perigo. Estamos, na verdade, praticamente indiferentes a ele, estando seguros de que Deus nos protege... Mas o fato é que Ele trabalha por meio de agentes nessa proteção que dá a todas as Suas crianças, e nós Lhe devemos gratidão e alguma compreensão em relação à parte que esses agentes representam, de maneira que nós também tenhamos que aprender a fazer de forma mais eficiente a nossa parte do trabalho no Plano Cósmico. Nossa orgulhosa civilização e todas as realizações da evolução têm-se tomado possíveis por meio do autossacrifício de salvadores humildes, de cujos trabalhos nós não temos consciência, principalmente daqueles que ainda

continuamente purificam o ar que nós respiramos e a água que é necessária para tantos propósitos vitais.

O DRAMA DO OCEANO

A criação não foi um ato instantâneo de Deus: ela foi se revelando continuamente no tempo e ainda não está concluída - o *sabat* de descanso não foi alcançado. Desde que a terra e a água se separaram, e a primeira foi canalizada por correntezas para o escoamento da segunda, os rios começaram a produzir no oceano quantidades de substâncias calcárias suficientes para obstruí-lo em um prazo de seis mil anos. Se nada tivesse sido feito para impedir isso, a terra e a água poderiam ter então se fundido novamente em um lamacento caos. Mas isso não aconteceu em quatro milhões de anos a catástrofe foi evitada graças à atividade dos seres vivos que rumaram para o resgate do equilíbrio das águas, quando as leis que governavam a natureza inanimada começaram a se mostrar insuficientes.

Na época em que tal ameaça voltou a acontecer, o reino do mar era governado por trilobites de várias espécies. Eles eram criaturas trilobuladas, com muitas pernas e vários outros apêndices para possibilitar a natação, que desenvolveram formas bastante complexas e poderiam chegar a ter 40 centímetros de comprimento. Outros orgulhosos habitantes

do oceano eram os cefalópodes - litrahncntc, “que tem pernas na cabeça”-, entre os quais o náutico é o mais famoso, tendo inspirado o poeta americano Oliver Wendel Holmes em seu hábito de adicionar continuamente quartos maiores à sua alcova, para viver o mais distante possível e da maneira mais espaçosa - um símbolo de evolução. Inspirado pelo náutico dividido em câmaras, o poeta jura a si mesmo:

Construir mais três grandiosas mansões, Oh! Minha alma, Com a velocidade da mudança das estações!

Abandone teu passado pouco arredondando.

Deixe que cada novo templo, mais nobre que o anterior. Feche-te do céu com uma cúpula mais vasta.

Cultive-vos pelo menos a arte independente, Abandonando tua concha pela inquietante vida do mar.

O náutico tinha cérebro, sistema nervoso e era até que bem desenvolvido. Esses

habitantes do mar bastavam para manter as águas suficientemente puras para que a vida subsistisse, sendo capazes de transformar os sais venenosos, que eram por eles assimilados como alimento, e fabricando cálcio para suas conchas e seus ossos. Mas agora a situação ficou crítica e novos agentes tornaram-se necessários.

Podemos imaginar uma comissão de anjos ou divas de acordo com a religião que professamos, filhos mais velhos de Deus que direcionam as forças naturais da Terra - passando adiante um chamado para voluntários e entrevistando aquelas criaturas que responderam com uma oferta de trabalho. Que visão maravilhosa deve ter vindo ao encontro de seus olhos quando os crinoides se apresentaram! Isso foi como se o fundo do mar tivesse se transformado em uma floresta de árvores, com galhos coloridos flutuando como braços no ar, apesar de não haver vento algum por lá. Podemos imaginar os crinoides dizendo:

Olhe para nós! Nós nos parecemos com árvores, mas nossos troncos são feitos de pedras entre as quais esprememos nossos corpos delicados, assim colocando-nos juntos como pilares; e temos galhos, de maneira que nós podemos estender nossos braços para capturar o cálcio que você quer ver destruído. Ele nos servirá de alimento e, mesmo quando morrermos, não iremos restituir o cálcio, pois nós já o teremos consumido e transformado.

Também outras grandes multidões de criaturas vivas humildes - não da aristocracia dos náuticos ou ainda dos crinoides - atendem ao chamado e dizem: “Nós temos apenas formas simples, mas vocês podem confiar em nós para fazermos o trabalho”. Assim, ambas as ofertas foram aceitas e esses soldados alistaram-se para *ofront* de batalha nas margens entre a terra e o mar. Os minúsculos protozoários tinham uma sede tão insaciável que eles podiam engolir incríveis quantidades de água -proporcionalmente ao seu tamanho era como se um homem pudesse beber dois metros cúbicos por segundo, sem parar para descansar nem sequer um minuto, durante toda sua vida e assim eles filtravam a água passando-a através de seu corpo, tirando dela os sais para transformá-los em sua própria estrutura e devolvendo a água purificada. Além disso, cada um deles podia produzir em dez dias um milhão de reproduções de si mesmos, e assim formaram um incrível exército de trabalhadores que, ao morrerem, deixavam seu corpo cair como uma partícula sólida de cálcio para ser somada à terra ao redor da linha litorânea.

Isso dificilmente se harmoniza com as ideias consideradas antigas sobre a

evolução, que essas simples formas poderiam ter tomado o lugar dos muito mais complexos trilobites, mas o Plano Cósmico teve consideração por essas criaturas que estavam contentes em servi-lo, sem levar em consideração o seu próprio progresso. Os orgulhosos trilobites moveram-se por algum tempo com grande elegância, mas logo desapareceram por não serem mais úteis.

Eras se passaram e a terra continuou a elevar-se das águas e a secar a si mesma. Novos continentes foram sendo formados, novos rios os drenaram, carregando ainda grandes quantidades de carbonato de cálcio para o mar. Os crinoides já não eram mais capazes de trabalhar tão rapidamente quanto era necessário para manter o equilíbrio e a crise resultou num novo chamado por voluntários. Dessa vez os bancos de corais responderam:

Nós parecemos pedras, mas vivemos e crescemos; e devemos ficar juntos e beber, multiplicando-nos e edificando-nos de maneira interminável. Nós podemos construir cadeias de montanhas embaixo do mar, cimentadas pelas nossas formas. Também possuímos nossos aviadores, que transportam nossas esporas para plantá-las em locais adequados para a nossa colonização. Mas exigimos boas condições de vida, longe das águas perturbadas das bocas de rio e precisamos que a nossa comida seja trazida até nós, sem termos que sair para procurá-la.

O tribunal da natureza aprovou esses termos razoáveis, aceitou a oferta e os crinoides balançaram seus braços em sinal de adeus sua missão fora cumprida! Assim, os corais assumiram o importante trabalho de manter o equilíbrio necessário nas águas do oceano e assim têm feito desde então, sem mudança ou rebelião.

Quem então poderia ser utilizado para trazer a comida a esses trabalhadores imobilizados? Quem poderia aderir ao trabalho deles? Alguém deveria movimentar as correntes em redor dos corais e para essa tarefa surgiram peixes com barbatanas, encouraçados e altamente complexos, caçando comida para eles próprios e, acidentalmente, movimentando as águas e trazendo aos corais o que eles precisavam. Mais tarde surgiram também peixes não encouraçados, mais leves e mais rápidos. Eles tinham espinhas dorsais flexíveis e sem cálcio, com dois músculos duplos e duas barbatanas para suas caudas, o que os tornava muito rápidos. Eles eram capazes de uma produção em massa inacreditável para seu tamanho e sua fragilidade, uma vez que cada um desses peixes podia colocar um milhão de ovos. O problema de alimentação dos corais estava resolvido por meio

do ciclo em que uns devoram os outros, sendo a todos dada a velocidade de fuga dos perseguidores insaciáveis, assim balançando a água no movimento necessário. Parece-nos cruel o fato de que eles foram feitos para ser devorados? Temos de encarar o fato de que o Plano Cósmico precisa de sacrifícios c, da mesma forma que tal sacrifício c alegremente feito pelo homem quando oferece sua vida por seu país, os animais ficam alegres em satisfazer o propósito da natureza, embora sejam inconscientes de qualquer nobreza.

Se me perguntassem se eu concordo com a teoria da evolução, eu responderia que concordar ou discordar é uma questão sem importância. Nós precisamos olhar para os fatos a fim de corrigir erros nas teorias existentes e assim adicionar conhecimentos, e eu aceito o ponto de vista dos geólogos quanto à evolução agora como um avanço na teoria dos biólogos, os quais anteriormente presidiram esse campo. A geologia fornece a melhor prova da evolução, mostrando criaturas marinhas invertebradas acompanhadas por vertebradas, anfíbios de sangue frio na terra acompanhados por animais de sangue quente e pássaros.

Resquícios encontrados em rochas permitem que a imaginação reconstrua tempos passados e entenda uma era quase inacreditável para a Terra. Um milhão de anos transformam-se na unidade e 25 milhões de anos, em um mero episódio da história do mundo. Tais estudos, como a geologia c a astronomia, ajudam-nos a conceber uma eternidade dentro da imensidão. Eles são os assuntos mais fascinantes do nosso dia e as crianças podem sentir, e realmente sentem, esse fascínio.

A diferença entre a visão sobre a evolução da geologia e da biologia é que esta última considera a vida independente da Terra - uma outra ordem de criação, colocada ali para se desenvolver, para viver e crescer rumo à perfeição. Essa é uma visão linear, ligada à velha ideia da Terra como uma superfície plana, sugerindo que alguém que viajasse interminavelmente em linha reta deveria, em algum lugar, cair da borda da Terra para dentro do espaço. Agora nós sabemos que a Terra é uma esfera e que esse viajante imaginário nunca precisaria cessar sua caminhada. Assim também a visão geológica da evolução mostra-nos a vida em maiores dimensões, aquela com o planeta se desenvolvendo com c através dela, contribuindo para sua manutenção c seu bem-estar. Os próprios biólogos tiveram que admitir algumas falhas em suas teorias - algumas criaturas que, de forma inexplicável, pareceram não ter tido força para se desenvolver e permaneceram estáticas, sem cérebro por meio do qual pensar, sem boca para

comer, sem nervos com os quais sentir! Tais criaturas, como os moluscos, por exemplo, eram observadas pelos biólogos como fracassos evolutivos, mas agora eles têm que admitir o seu valor como trabalhadores do mar, preservando a pureza da água. Da mesma forma, as vidas vegetal e animal agora precisam ser consideradas de dois pontos de vista, sendo que o mais importante é aquele que trata das suas funções no Plano Cósmico, o qual poderá exigir delas o sacrifício de muita paciência em virtude de um equilíbrio estático, não mostrando qualquer desenvolvimento em direção à perfeição absoluta.

Um lado da evolução lida com a satisfação de necessidades vitais, com a defesa, a sobrevivência das espécies e o crescimento por meio de transformações que buscam atingir a perfeição. Outro fator - ainda mais forte - em processos evolutivos está relacionado com a função cósmica de cada ser vivo e até mesmo de objetos naturais inanimados, trabalhando em colaboração para o cumprimento do *propósito da vida*. Todas as criaturas trabalham conscientemente para si próprias, mas o propósito real de suas experiências permanece inconsciente, ainda clamando por obediência. Um coral pólipó, se pudesse expressar-se conscientemente, escolheria viver em calmas e mornas águas, sem ser perturbado por correntes de rios e tendo fiéis serviçais para lhe trazerem comida, sem que fosse necessário movimentar-se em busca de alimento. Os corais nunca se tornarão conscientes de que, por seu modo de viver, preservam a pureza da água, assim ajudando inumeráveis milhões de outros seres vivos a sobreviver, nem tampouco da construção de uma nova Terra para dar apoio às raças futuras. Assim, as árvores e as plantas talvez quisessem conscientemente exaltar seus desejos pela luz do Sol e sua necessidade vital de dióxido de carbono para sua nutrição, inconscientes de que a natureza já lhes tinha dado esses desejos instintivos com o propósito de preservar a pureza do ar, da qual dependem todas as formas de vida superior na Terra. A abelha, que retira da flor o seu néctar, está ciente somente de suas próprias necessidades ou das necessidades de sua colmeia, não percebendo que a flor precisa imensamente da sua visita para que seus propósitos de reprodução ocorram, assim perpetuando a vida dessas espécies.

O homem também, como todo ser vivo, tem os dois propósitos, o consciente e o inconsciente. Ele é consciente de suas necessidades físicas e intelectuais e de suas reivindicações de sociedade e civilização. Ele acredita na luta por si mesmo, por sua família e por sua nação, mas tem ainda que se tornar consciente quanto às suas imensas responsabilidades para com a tarefa cósmica. Sua colaboração, juntamente com os demais, num trabalho voltado ao seu meio ambiente, para

todo o universo - como verdadeiramente diz a Bíblia/ “sabemos que a criação inteira geme até agora como que em dores de parto” direcionado para a concretização criativa. A vitória no autodesempenho somente pode acontecer se for para o todo e, para que isso seja assegurado, alguns ficarão satisfeitos em sacrificar seu próprio progresso em direção à perfeição da forma, permanecendo inferiores e sendo humildes trabalhadores como os corais, de estática utilidade. Outras espécies, tendo inconscientemente atingido seus limites de utilidade e sendo incapazes de se adaptar às condições que geraram novas exigências sobre elas, desaparecem dos níveis de vida, nos quais somente o obediente e disciplinado continuará marchando ao som da agradável música da *canção da vida*. ¹

COMO A MÃE-TERRA FOI CRIADA

Para formar uma ideia sobre a economia de nossos arranjos domésticos cósmicos, é de grande valia voltar muito mais distante nas épocas geológicas do que na da aurora da vida, pois grandes têm sido as mudanças e transformações a que o planeta vem sendo submetido desde os tempos mais remotos. Conchas do mar agora estão embutidas na substância das rochas que formam os picos de altas montanhas, os mármore escavados no meio dos continentes comprovam serem feitos de uma substância calcária muito comprimida e polida, os fósseis das criaturas cujas formas naturais podem ser traçadas na delicada impressão deixada em uma rocha. Assim como as criaturas do mar dificilmente poderiam ter viajado a essas regiões inacessíveis, dada a profundidade aquática em que vivem, e depois ter retornado ao fundo do mar, a conclusão a que se chega é a de que essas montanhas e planícies do interior devem ter um dia estado embaixo do mar, onde essas criaturas viviam e trabalhavam para a elevação da terra. Como deve ter sido fantástico aquele dilúvio, sobre o qual há tantas lendas além daquela descrita pela Bíblia! Mármore coloridos são realmente corais e ainda esses mesmos construtores executaram seu trabalho, elevando ilhas que formarão, algum dia, um novo continente no

Pacífico. Uma nova Ásia está em curso de construção enquanto a outra, velha, lentamente desintegra-se.

Os continentes dissolvem-se no mar e os mares rendem frutos para as terras em crescimento. Diante de nossos olhos, tudo está sendo consumido pelo uso, para ser reconstruído em uma nova forma. Quem é o agente da mudança do mundo? Quem enfeitou as pedras originais, fundindo-as com depósitos que tomam a

forma de fantásticas estalagmites e estalactites nas cavernas? Torres brancas como a neve e pináculos de sal brilhante? E quanto às formações de tufos de cores maravilhosas nas regiões vulcânicas?

Quem trabalhou duro para o surgimento de toda essa beleza e tesouro foi a água, derretendo substâncias rochosas e conduzindo-as dissolvidas para o subsolo, para trazê-las, eventualmente, à superfície da terra para que apareçam e a enriqueçam. A água não é uma ladra, já que ela devolve o que quer que tenha armazenado; sempre que ela passa de um local de alta pressão para um de baixa pressão, começa a preencher cada vazio pela destilação. Gota por gota, ela deixa para trás uma carga que estava sendo formada e, gradualmente, surge uma pilastra, como uma massa pendente de gelo, e que se pendura do teto da caverna em direção a uma outra pilastra que se eleva do chão para encontrá-la, composta por partículas de cálcio deixadas lá pelo gotejamento.

Essas pilastras majestosas logo encherão a caverna, fazendo dela um palácio de beleza. Outros minerais, eventualmente, emprestam cores à arquitetura - vermelho, azul, rosa e amarelo como véus e drapeados de esfuziante radiação, como, por exemplo, o alabastro de cores diferentes, muito encontrado na Itália e valorizado pelos escultores. A água é a grande construtora, criando e transformando. Ela se precipita de amor pelo oceano, produzindo dádivas, purificando a si mesma, flutuando para o céu em sua forma mais leve, para retornar como chuva e recomeçar seu trabalho.

A água é o maior solvente do mundo, capaz de dissolver até mesmo o ferro. Para ela, isso não é só uma questão de ser capaz de fazer, mas sim de ter a obrigação, pois essa é a sua lei de existência. Outro poder com o qual ela é favorecida é o de uma energia indomável. Sempre em movimento, penetrando em cada buraco e fenda, ela sobe para o céu como vapor para retornar na forma de chuva. Como seu poder é grande, ela trabalha melhor ainda como solvente se for auxiliada pelo dióxido de carbono; portanto, esse veneno é também um agente natural e um amigo da água, com quem trabalha em parceria. A chuva avidamente retira do ar o dióxido de carbono, de modo que o ar é limpo de seu veneno e a água é carregada com a energia que irá auxiliá-la na dissolução das rochas.

Assim carregada, ela é um poderoso escavador, penetrando mais profundamente na crosta da Terra do que qualquer explorador poderia fazê-lo, para trazer à circulação os tesouros enterrados no solo, para a consecução do Plano Cósmico. Quanto mais fundo ela vai, maior é a pressão e mais saturada com a água com dióxido de carbono, até que, supersaturada, ela jorra com uma nascente, depositando, assim, a abundância que acumulou em sua jornada subterrânea. Por

meio dos géiseres e das nascentes de água quente, assim como das erupções vulcânicas, a abundância mineral é trazida à superfície.

A imaginação pode assim retratar para nós a Terra primitiva de rocha marrom dura, não realçada pelo verde da grama ou das folhas, sem o som dos pássaros ou de qualquer outra criatura viva, o silêncio sendo quebrado apenas pelo precipitar das cachoeiras, pelo rugir dos trovões ou pelas pedras deslocadas em avalanches. A terrível crosta marrom está lentamente sendo modificada e revestida com coberturas mais hospitaleiras, mas antes que ela possa tomar-se o lar dos seres vivos alguma ação deve ser feita para assegurar a pureza do ar que eles terão para respirar.

O ar é o ambiente natural do animal, como a água o é para o peixe; ser privado de ar para respirar é a pior sorte - pior ainda que a falta de comida ou de água e esse ar tão necessário é um delicado composto de oxigênio e nitrogênio em proporções fixas, somados a uma insignificante quantidade de dióxido de carbono. Um pequeno aumento do último ingrediente faz com que o ar se torne irrespirável, levando à morte por asfixia. Na Terra primitiva os gases venenosos devem ter estado sempre presentes, emitidos pelos géiseres e por crateras de profundidade caótica. A taxa de dióxido de carbono no ar respirável é de somente três partes em dez mil; como era mantido e atingido esse delicado equilíbrio, a fim de que a vida pudesse fazer sua parte na futura criação do mundo? Certamente há aqui outra vez uma necessidade de postular uma inteligência governante. A criação inanimada está concluída, o estágio foi atingido quando a natureza teve que cobrir as rochas e fertilizar o solo para criar um mundo vivo. Novamente valendo-nos da imaginação, nós ouvimos um apelo que é ao mesmo tempo uma ordem: “Venham, ó plantas, por sobre o deserto; vivam nele e transformem-no em algo bonito e ajustem as condições que vocês encontrarem para as necessidades das criaturas que virão depois de vocês. Invadam os cantos mais distantes do planeta e façam seu trabalho!”. A vida vegetal que já estava estabelecida no oceano ouviu o chamado e transportou-se para a terra, isso, enfaticamente, não era para melhorar suas condições de vida, que já eram ideais para satisfazer suas necessidades de sobrevivência e que poderiam estar bem distantes das que encontrariam na terra. Apesar disso, de cada margem do mar, de um lago ou de um rio, o transporte estava sendo realizado e a invasão iniciou o que poderia fazer o lugar mais selvagem desabrochar como a rosa.

Para a meta a que foram destinados, esses novos recrutas tinham que estar

equipados e da mesma maneira o Sol, o poderoso deus de suas adorações, deu-lhes a valiosa dádiva da cor verde, da clorofila que os fazia devorar insaciavelmente o dióxido de carbono que eles encontravam no ar, separando-se o oxigênio. Onde quer que o florescimento se espalhasse, o ar era purificado e no devido tempo o mundo estava pronto para que a vida animal iniciasse sua escalada de evolução - o desejo da vida em busca da perfeição e da eficiência dos serviços.

Estima-se que a evolução das plantas na Terra tenha levado cerca de 300 milhões de anos, partindo das algas, dos musgos e dos líquens, passando pelas samambaias até as mais complexas formas de força e beleza. A vegetação tem cumprido sua aventura com prazer, conquistando a terra, ambicionando os céus, agarrando o solo com raízes fortes para dar suporte a nobres pilastras, cobertas com galhos entrelaçados e folhas abrindo milhares de bocas famintas à luz do Sol, buscando por dióxido de carbono como alimento. Por viverem e crescerem buscando a perfeição, elas então cumpriram sua tarefa cósmica e realizaram mais uma com a própria morte, pois a vegetação morta era transformada no suprimento inesgotável de carvão da terra. O que os homens do nosso tempo poderiam realizar sem o carvão que fora armazenado para eles?

Por muitas e longas eras a vida vegetal governou a Terra, sendo que os únicos representantes do mundo animal eram os insetos, rastejantes e voadores, alguns de tamanho monstruoso. O solo era lamacento e quente e ainda não havia as mudanças de estações e o eixo da Terra ainda não tinha a atual inclinação para o plano de sua órbita ao redor do Sol. A terra estava lentamente afundando em regiões, como ela está ainda hoje, de maneira que as florestas se transformaram em pântanos que secaram e as águas dos rios filtradas através das raízes que impediam seu curso, construindo, com seus depósitos, proteção ao redor das margens até que os sedimentos cobrissem as velhas raízes e novos níveis fossem criados, e o solo crescia em camadas. Há lugares onde se podem detectar centenas de florestas que foram enterradas, umas após as outras, demonstrando quão longo foi o período de submersão. A vegetação enterrada fermentou, espalhando gases, que se tornaram a primeira turfa, como as que são encontradas nos pântanos da Irlanda e da Holanda. Sob pressão adicional, a turfa libera carvão fóssil e então o carvão de pedra e por último o carvão destinado a formar a energia motor para nossa civilização industrializada. Nos Estados Unidos da América há carvão a uma profundidade de 16 metros expandindo-se por sobre uma superfície de 224 mil metros quadrados em somente um campo! Todo esse tesouro de carvão foi dado à Terra no período carbonífero, por meio

do alagamento das terras das florestas. As terras árticas, como o Alasca e a Sibéria, são quase que totalmente feitas de carvão, de maneira que devem ter possuído grandes florestas e clima tropical.

Outro trabalhador humilde no laboratório da Terra foi o micróbio ferruginoso, que construiu sua concha no ferro que veio dissolvido pela água proveniente do interior da Terra e deixou seus restos mortais entre as formas de vida vegetal em putrefação. Onde quer que haja fermentação e água estagnada, manchas marrons poderão ser vistas, demonstrando que o micróbio ferruginoso ainda continua em atividade, da mesma forma que estava quando os depósitos de ferro foram colocados lado a lado com o carvão, para a grande conveniência dos fabricantes modernos. Esses mesmos micróbios também produzem uma substância oleosa que agora nos produz o petróleo.

É desnecessário dizer que a riqueza e a eficiência moderna que possuímos são decorrentes das plantas e criaturas do mar e da terra que as acumularam para nós durante sua vida e morte para que nós também possamos viver, respirar e trabalhar para dar continuidade à realização do mandamento Divino: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a Terra!”.²

Uma época está sendo concluída na nossa revisão sobre a criação; seu último capítulo começa na invasão da terra pelas plantas colonizadoras. A natureza conduziu essas plantas para sua aventura de exercer esforços prodigiosos e para triunfar, para então serem finalmente enterradas no subsolo e carbonizadas. Nós temos que concluir que a natureza é cruel na execução do plano cósmico? De maneira alguma! Em dando-lhes uma tarefa essencial a ser realizada na sua economia doméstica ela deu essa incumbência às plantas, na forma de satisfação de um desejo que não poderia ser frustrado, um prazer, e não um sacrifício doloroso. Somente a vida pode dizer: “No meu trabalho está a perfeita liberdade!”. Trabalhar com a expressão cósmica é sempre uma necessidade de vida e um prazer; esquivar-se desse trabalho significa a extinção, a maldição da desobediência original.

UMA GUERRA MUNDIAL PRIMITIVA

Depois de muitos milênios de transformações graduais e pacíficas na superfície da Terra, com o equilíbrio sendo mantido entre a terra e o mar por meio de muitos agentes, o solo sendo enriquecido e riquezas minerais sendo depositadas para as futuras gerações, nós podemos imaginar um ponto crítico sendo

alcançado quando a Terra cresceu de maneira impaciente e rebelde. Ela não poderia mais aguentar as invasões da água, mas deveria preparar defesas que pudessem manter o inimigo represado. Por toda a costa, montanhas vulcânicas expeliram fogo e arremessaram massas de rocha derretida e de lama em ebulição, formando uma barreira na Ásia, no norte da Europa e na África - as Montanhas Rochosas e os Andes na América do Norte e do Sul, respectivamente. Aquela foi, de fato, uma guerra mundial titânica, que durou milhões de anos, espalhando-se para a Austrália, o oeste da Índia e para as Filipinas, levantando enormes barreiras que a água não poderia ultrapassar, de maneira que regiões do mar foram isoladas, transformando-se em lagos dos quais a água poderia evaporar, deixando apenas as areias do deserto. Poder-se-ia também ter a impressão de

que nesse período o calor do Sol diminuiu ou que a Terra não poderia receber esse calor na mesma medida anterior, em virtude do gelo e das geleiras espalhadas em todos os lugares, tendo somente a região equatorial permanecido aquecida. Depósitos colossais de sal, até no topo das montanhas onde eles formam atualmente deslumbrantes cumes, estão entre os resultados dessa guerra de gigantes, 'feria sido a eliminação do sal supérfluo do mar que teria colocado, nessa época, em risco a vida marinha, uma das razões para o grande conflito que a nossa imaginação reconstrói? Certamente durante o período penniano, emergiu uma necessidade premente de reduzir a salinidade da água do mar e isso não poderia ter sido feito por criaturas vivas, formando conchas de cloreto de sódio, como foi feito com o carbonato de cálcio supérfluo. Então a água teve que ser encurralada na terra, como se um cozinheiro cósmico tivesse entornado a sopa que estava muito salgada, completando-a com água. Um cozinheiro que assim modificasse o sabor de algumas misturas certamente não desperdiçaria o líquido por ele retirado; similarmente, a água do mar que foi encurralada em grandes lagos salgados somente foi armazenada para utilização futura - a água evaporando para as nuvens, para ser mais tarde devolvida à terra e jorrar para o mar, deixando o sal como um rico depósito para a utilização do homem no seu devido tempo.

Estatísticas mostram que o homem utiliza um milhão de toneladas de sal por ano e ele vem consumindo sal por muitas eras, de maneira que vastas quantidades tem sido necessárias. Há minas de sal com profundidade de 100 metros, palácios magníficos de sal cristalizado, cúpulas imensas suportadas por pilastras que brilham como diamantes, refletidas em calmos lagos no chão das cavernas. Uma dessas minas está situada entre a Áustria e a Bavária, próxima ao famoso

Berchtesgaden. Ela vem sendo explorada há 1.200 anos e ainda não há qualquer risco de exaustão, pois existe uma cadeia de montanhas desse sal com nascente a uma profundidade de dois mil metros abaixo da terra. Na Sicília, uma zona de sal cobre uma área de 3.840.000 metros quadrados e na Polônia uma outra cobre 52.800.000 metros quadrados e está a 100 metros de profundidade. A Ásia Menor, a Romênia, a Pérsia e a Índia têm também suas montanhas salinas e a América do Sul possui uma cadeia delas, com os picos em forma de cones e pirâmides de sal, brilhando como diamantes ao Sol. No Tibete, no Kush Hindu, assim como na Abissínia, encontram-se grandes depósitos, evidências de mares internos que se evaporaram naquelas grandes altitudes e provas da existência de resquícios fossilizados de criaturas marinhas encontradas nas rochas.

Essas poderosas barreiras foram levantadas pela Terra em seu arrebatamento, em um estado de emoção ardente; contudo, em seu estado mais pacífico o trabalho continua, de modo que o equilíbrio é mantido, a terra é compensada de suas perdas pela erosão e pelo alagamento, e o mar livra-se do excedente de sal. Isso pode ser visto nos lagos salgados na orla do Mar Vermelho, nos deltas onde os rios são forçados a achar saídas em virtude das barreiras erguidas contra eles, nas lagoas do Mississipi e na Odessa. O Mediterrâneo poderia ser uma lagoa, a não ser pelo estreito de Gibraltar. No Grande Lago Salgado da América, nada, a não ser uma certa espécie de crustáceo, pode sobreviver, e o Mar Morto é um outro exemplo muito conhecido de uma porção do mar deixada para evaporação e obtenção de sal.

O conflito titânico que alterou tanto a face da Terra e deixou encalhadas grandes porções do oceano finalizou o período chamado de paleozoico, e o período seguinte, que os geólogos chamam de período mesozoico, durou 150 milhões de anos. No seu começo, os répteis eram os reis na Terra, tendo se desenvolvido a partir dos primeiros anfíbios, criaturas que podiam viver na água ou na terra, mas ainda punham ovos na água, como também fazem os sapos nos dias de hoje. O primeiro subperíodo do mesozoico, chamado de período triásico, viu os maiores anfíbios, especialmente um tipo de sapo que deixava suas pegadas nas areias da boca do rio - que foram posteriormente preenchidas com sedimentos e permaneceram impressas nas rochas, sendo atualmente encontradas. Esse sapo era enorme em tamanho e muito desajeitado, utilizando suas pernas curtas mais como remos do que como membros para carregar seu corpo pesado. Ele fez grandes esforços para desenvolver pernas melhores e alguns até conseguiram andar, com as patas tendo três dedos, de maneira que suas pegadas foram inicialmente confundidas com as de pássaros, até que os

esqueletos também foram achados. Alguns sentiam uma compulsão por penetrar mais no interior da terra, arrastando o corpo, e, em vez de desenvolverem pernas, desenvolveram as formas dos répteis, sendo que alguns tinham barbatanas dorsais, talvez inicialmente para ajudá-los a caminhar. Resquícios fossilizados dessas “barbatanas dorsais” mostram ossos quebrados, como se elas tivessem sido mais um empecilho do que uma ajuda. Eles possuíam dentes que eram apropriados para esmagar, mas não para triturar. Os répteis ainda esmagam seu alimento antes de engolir, assim diferindo de outros animais. Todas essas criaturas triásicas comiam imensamente, alimentando-se de árvores com folhas muito duras e frutas também duras como as pinhas, precisando, assim, de dentes muito fortes e achatados. Esses animais estavam transformando a face da Terra por meio de seu húmus, o que fez com que o solo se ajustasse a tipos mais finos de vegetação.

Na próxima subdivisão do período mesozoico, chamada de jurássica, surgiram os répteis da família Saurisquiana, como lagartos monstruosos, tão pesados que precisavam do auxílio da água para se levantarem e passavam a maior parte do tempo em pântanos. Eles tinham a cabeça bem pequena em proporção ao tamanho do corpo e eram criaturas vagarosas e preguiçosas, sempre mastigando. Depois do aparecimento do dinossauro, alguns poucos saurisquianos menores tomaram-se carnívoros, uma vez que a carne tomara-se mais abundante. Eles podiam se mover muito mais rapidamente, caminhando com suas pernas traseiras, sendo capazes de dar uma passada larga de 8,40 metros e pular sobre suas presas. Eles eram muito ferozes e tinham dentes de 20,32 centímetros. Alguns saurisquianos desenvolveram o poder de voar, sendo os dragões originais das velhas histórias e os pterodáctilos, que tinham asas medindo de 8 a 10 metros, de lado a lado, quando abertas. As asas eram membranosas, cada uma apoiada por meio de um braço e de um dedo, enquanto os outros dedos permaneciam como garras para se empoleirarem, particularmente como os morcegos na época atual. Alguns poucos desses répteis eventualmente cansaram-se de uma residência na terra e voltaram para o mar, como os ictiossauros, cujo significado do nome traduzia suas formas de meio lagarto e meio peixe.

A evolução poderia agora acelerar seu passo, e o palco estava pronto para formas de vida mais elevadas fazerem sua aparição.

O PERÍODO CRETÁCEO

Esta última subdivisão do período mesozoico tem esse nome em virtude do barro e dos depósitos de greda deixados pelos foraminíferos, criaturas que viviam no mar e em grandes quantidades. As conchas eram discos arredondados, feitos de 11 anéis, e que foram muito tempo depois utilizados pelos romanos como dinheiro simbólico. Os radiolários também apareceram na mesma época e também um molusco de concha chamado de *rodizia*, que era capaz de ficar com pé e carregar sua concha, entrando nela quando se sentia ameaçado.

Na vegetação terrestre, tinham-se desenvolvido árvores mais poderosas, com folhas que pareciam leques, e os répteis tiveram que se armar com uma dura couraça de ossos nas costas e nas laterais do corpo, alguns tendo desenvolvido até espinhos. Um tipo específico de réptil tinha chifres, dois sobre os olhos e dois sobre o nariz, formando uma coroa. Assim, a cada um estava sendo dada alguma proteção para os hábitos carnívoros de seus vizinhos, mas nenhuma proteção poderia poupá-los da extinção ao final da era mesozoica, quando eles tiveram que dar lugar a criaturas muito mais fracas do que eles próprios, uma prova em si mesma

de que ^{kfc} a sobrevivência do mais apto" não é uma lei básica da natureza. Parece que a causa direta para seu desaparecimento teria sido o fato de eles não terem qualquer cuidado com as gerações seguintes, colocando poucos ovos e abandonando esses poucos para serem devorados por criaturas menores, porém com mais inteligência. Os indefesos jovens eram uma presa fácil, pois seus pais não ficavam a seu lado, de maneira que os tolos e preguiçosos monstros não mais desempenhavam qualquer propósito útil, e a única maneira pela qual eles poderiam ser utilizados seria como adubo para o solo!

Gloriosa com suas implicações e a descoberta biológica de que seus sucessores evolutivos foram os pássaros e os mamíferos, de corpos frágeis, porém fortes em relação aos instintos maternos, ávidos por defender suas proles da morte. Se a evolução significasse apenas crescimento, como os doces pássaros poderiam ter evoluído de monstros ferozes, tornando-se herdeiros de seu reino? Mas os instintos de proteção de suas proles que eles, da mesma maneira que os mamíferos, revelaram são a marca verdadeira do avanço da evolução, mais do que qualquer desaparecimento gradual de dentes e crescimento de penas. A natureza desenvolveu-se por meio do fortalecimento do que tinha sido um ponto fraco no comportamento animal, provendo a nova energia chamada *amor*. Essa energia deveria ser uma paixão poderosa enquanto durasse, capaz de fazer um pequeno pássaro esquecer o medo e cuidar de si

mesmo. Significativamente, isso combina com o calor do sangue. O dom do amor de Deus é poderosamente revelado nos mamíferos assim como nos pássaros e neles nós reconhecemos o segredo da sobrevivência!

Os únicos répteis encouraçados que sobrevivem até hoje são os crocodilos e as tartarugas - e ainda é costume das tartarugas incubarem seus ovos na areia e abandoná-los para que os pássaros ou outros animais os devorem. Contrastando com esse comportamento, há o cuidado demonstrado pelos pássaros, que escondem seus ninhos em lugares remotos e protegem-nos de serem descobertos; eles frequentemente servem de iscas para atrair os inimigos para longe dos ninhos, por meio de sua própria exposição ao perigo. Observe jovens pássaros sendo ensinados a voar, ambos os pais, solícitamente presentes, completamente esquecidos de si próprios!

Foi Fabre, o naturalista francês, quem trouxe à luz essa nova ideia nos volumes intitulados *O amor dos animais* e *A vida dos insetos*.¹ Aqui havia um cientista inspirado pela poesia, tudo pela mágica da palavra “ninho”, com suas temas associações. Porém, ainda mais capazes de amar suas proles são os mamíferos, que as protegem permitindo-as crescer dentro de seus próprios corpos e alimentando-as após o nascimento com seu próprio sangue transformado em leite, além de tomarem conta delas a qualquer custo. Os pássaros e os mamíferos são animais de sangue quente, diferentemente dos répteis, que têm sangue frio e são desprovidos de sentimentos.

Os primeiros mamíferos a aparecer na face da Terra eram pequenos e quase insignificantes; apesar disso, eles eram destinados a ser os reis do próximo período da evolução da Terra. Eles se tornaram rapidamente grandes e assumiram a forma que seu corpo tem hoje em dia nas espécies que sobreviveram. Os cavalos cujos resquícios fossilizados foram achados eram do tamanho de um cachorro pequeno. Eles tinham cinco dedos nas patas e viviam em florestas, alimentando-se de arbustos. Mais tarde aprenderam a erguer-se nas pontas dos cascos, para aumentar a velocidade na corrida; os joelhos das pernas traseiras curvavam-se para trás em vez de para frente, e os dedos que não estavam sendo utilizados tenderam a desaparecer, sendo que o único que permaneceu foi o dedo do meio, enquanto o restante uniu-se à pata, como hoje ainda prevalece nos cavalos e nos burros.

Os elefantes também eram animais pequenos, mais parecidos com porcos com um pescoço longo. Antes de a tromba aparecer eles tinham 36 dentes, dos quais

dois cresceram muito mais e dez foram descartados ³ na época em que o nariz encompridou-se e transformou-se em tromba. Até aquele momento ele já tinha atingido o tamanho de um mamífero pequeno, verdadeiramente um elefante anão!

O primeiro camelo a ser investigado era do tamanho de um coelho, mas logo ele pareceu ter-se desenvolvido para o tamanho de uma ovelha. Seu pescoço cresceu desordenadamente, como o da girafa, de maneira que os resquícios fossilizados foram inicialmente chamados de camelo-girafa. Ele comia as folhas das árvores, esticando o pescoço para alcançá-las. Os camelos mais tarde passaram a habitar os desertos, e assim desenvolveram as corcovas onde podiam armazenar comida e água.

O rinoceronte também era um animal pequeno, com uma forma delgada e comprida, pernas finas, capazes de correr rápido. Ele tinha o corpo coberto por pequenos pelos para protegê-lo das moscas. Os cangurus desenvolveram bolsas para o transporte de seus filhotes, como ainda hoje eles fazem na Austrália. Um mamífero feroz era o tigre-dentes-de-sabre, mas a maioria deles era composta por vegetarianos. Um mamífero gigante viveu então nas regiões frias; seus resquícios foram encontrados preservados no gelo, a carne estando ainda suficientemente fresca para lobos e cães devorarem.

Foram mamíferos como esses que se desenvolveram até as formas dos animais que conhecemos hoje - e dentre eles inclusive aquele que era para ser assumido como homem na era cenozoica ou período terciário, há 580 mil anos a.C. Os cientistas hesitaram em incluir o homem inteiramente entre a vida animal, e é um fato que nenhuma ligação direta tenha sido encontrada e que os resquícios humanos tenham sido achados como pertencendo a uma época anterior à dos grandes macacos, os quais se pareciam mais com eles.

A Terra agora estava pronta para seres de necessidades mais delicadas, pois seu solo estava enriquecido de substâncias orgânicas para a alimentação desses seres e os pastos acarpavam o chão para a pastagem. Novas árvores e plantas desenvolveram-se, propagando-se por sementes em vez de esporos, e as flores começaram a aparecer, combinando os ornamentos para a recentemente mobiliada casa da vida. Isso marca um clímax na evolução das plantas, quando os líquens, os musgos e as samambaias deram lugar à florescência e à reprodução das plantas por meio de sementes. A ajuda dos bandos voadores para a fertilização foi assegurada pela adoção de cores atrativas e de perfumes -estes

espalhados pelo prestativo vento. Sem fim era a variedade, pois preferências diferentes tinham que ser consideradas e cada flor tinha seu amigo especial entre os insetos. A planta preparava o néctar, e o inseto se fazia mais bonito em face do convite para o banquete - a abelha adicionando pele e veludo a seu casaco e a borboleta cintilando alegres cores em suas asas. A colaboração era perfeita entre as plantas e as criaturas. As abelhas carregavam o pólen em seu corpo peludo para fertilizar as sementes das flores que elas visitavam para coletar seus tributos de cera e mel, de maneira que as necessidades de ambas estavam satisfeitas e o propósito mais profundo da natureza estava realizado. Um clima brando prevalecia em todos os lugares - magnólias e murtas crescendo em regiões que agora são árticas. A Terra deve ter sido verdadeiramente linda e os monstros, em sua grossura, estupidez e feiura, não estavam adequados a ela. Alguns tentaram "perder peso", encurtaram suas pernas e conseguiram sobreviver - especialmente aqueles que tiveram inteligência para se transformar em cobras. Aqueles que eram muito preguiçosos para fazer o esforço de se adaptar só puderam perecer. As cobras foram as descendentes lineares dos dragões e não eram venenosas antes do advento do homem. Elas desenvolveram uma dupla articulação para suas mandíbulas a fim de se tornarem capazes de engolir criaturas com medidas maiores do que as suas próprias - e elas vêm mantendo uma reputação de grande perspicácia ou até mesmo de inteligência.

A TERRA OUTRA VEZ EM TRABALHO DE PARTO

A Terra estava tremendo com a expectativa e com o bom pressentimento. Seu coração comovia-se em solidariedade com a alegria da Criação; tremores passaram rapidamente sobre sua estrutura e lágrimas emocionadas fluíam sobre ela em novas correntezas. Bem diferente era seu temperamento daquele do passado, na época permiana, quando ela tinha travado a guerra contra as águas que passavam dos limites. Agora, mais gentil e mais quieta, ela fora completamente tocada por sentir a aproximação do homem, seu senhor predestinado, e novamente presentes foram trazidos em abundância para uso dele. Simpatia, entusiasmo e amor irromperam numa forte inundação em muitas partes do mundo. Todos os tipos de metal que a Terra vinha preparando em seus laboratórios foram trazidos à superfície e depositados - um era uma substância brilhante que parecia com o sal, mas era insolúvel, e seria mais tarde supremamente estimado pelo homem por se tratar do diamante. Dessa dádiva de riqueza mineral, a Índia recebeu uma grande parte por ter sido o local de maior emoção da Terra. Se o país, hoje, não é o mais rico de todos, isso se deve ao fato de que seus filhos ainda têm que liberar essa riqueza. Se eles

mesmos não fizerem isso, outros que trabalham mais duro

c pensam mais que eles devem, inevitavelmente, tomar seus lugares.¹ Existem ali rochas fundidas cm resfriamento cristalizado na forma não somente de diamantes, mas também de esmeraldas, safiras e de outras pedras preciosas; há o âmbar, desenvolvido da resina das árvores onde os insetos foram capturados e fossilizados. Os gregos iriam mais tarde valorizar especialmente o âmbar, que é por eles chamado de *elektron*, por ser considerado como tendo poderes mágicos para proteger os homens do “mau-olhado”. Muitos são os tesouros escondidos e revelados pela Terra, de poderes não totalmente explorados ainda, guardados pela natureza não muito distante da superfície, para que os homens possam procurá-los e descobri-los. Foi a curiosidade de uma criança que levou à primeira descoberta de diamantes em Kimberley, que resultaram nas minas da África do Sul. Chegará o dia em que os diamantes serão tão abundantes que perderão o valor?

Na emoção da Terra, sua crosta enrugou-se para formar cadeias de montanhas nas quais novamente as águas do mar foram confinadas, as temperaturas tornaram-se mais amplamente variáveis, com vales sendo protegidos e aquecidos, enquanto o gelo e a neve cobriam os topos das montanhas, expandindo em geleiras por meio de movimentos lentos rumo às planícies. Essa placa de gelo logo prevaleceria por toda a superfície da Terra, triturando os topos das colinas c reduzindo-os a pó; empurrado montes acima, esse gelo fez com que a Europa, a América e o Norte da Índia ficassem completamente cobertos por camadas glaciais de 1.600 a 3.200 metros. Certamente uma recepção fria para o homem, um ser sem qualquer cobertura de pelo, em um período glacial que durou muitos milhares de anos! Mas havia alguns vales mais aquecidos nos quais ele podia viver c o gelo era por si só um trabalho de preparação para o homem, pois ele triturou as rochas, deixando um solo de grande ⁴ fertilidade. A Terra recebeu seu filho com alegria, mas ofereceu a ele trabalho duro c não algo simples para fazer!

Embora gráficos tenham sido preparados extensivamente para capacitar a criança a conseguir alguma compreensão da natureza e das taxas de progresso no modo de viver, não faz parte do Método Montessori pedir a ela que memorize nomes ou datas; ela deve meramente estar interessada em ver como a evolução tem continuamente sido acelerada em seu processo. Sementes de interesse devem primeiramente ser cultivadas na mente da criança - e serão facilmente transportadas se estiverem primeiro na mente do professor, que deve estar

totalmente preparado para dar respostas completas se questionado pela criança quando ela estiver buscando por mais conhecimento. As crianças gostam de primeiro colocar as figuras preparadas separadamente nos quadros em branco, somente mostrando as épocas, e a compreensão é auxiliada pelo isolamento das dificuldades - cada coisa sendo apresentada a seu tempo para suas considerações a fim de evitar confusão.⁵ Não há interesse algum para a criança em um emaranhado de fatos, a serem memorizados e recitados em ordem. Alguns especialistas em educação defendem que seja dada à criança a liberdade para aprender somente o que ela gostar, mas sem preparação prévia de interesse. Esse é um planejamento para construção sem uma base, ligado aos métodos políticos que na atualidade oferecem liberdade de expressão e de voto sem educação; o direito de expressar pensamentos onde não haja pensamentos para expressar e nenhum poder de raciocínio! O importante para a criança, assim como para a sociedade, é auxiliar na construção das faculdades mentais, sendo este o primeiro interesse na lista de necessidades, assim podendo haver crescimento natural na liberdade. Meu desejo é restaurar a visão ao cego, para que ele possa ver por si mesmo, talvez até mais do que eu seja capaz de ver. Tal é o amor de uma mãe que auxilia seu filho a caminhar sozinho, embora ele possa utilizar esse movimento para correr dela.

O progresso consiste na realização em menos tempo. As crianças apreciam isso, tendo que preencher mais figuras nos últimos espaços do quadro. Elas veem quão breve tem sido a existência humana comparada com o que veio antes, mas apesar disso quão grande tem sido seu trabalho! À criança é permitido construir livremente, neste ou em outros pontos de interesse, com o material apresentando os mesmos fatos, mas de diferentes ângulos. As reminiscências devem ser utilizadas para o trabalho e, em dado tempo, essa consciência deve estar clara. Alguns não demonstram qualquer interesse e outros demoram mais ou menos tempo para assimilar o que querem. Uma coisa tem ficado bem clara em nossa experiência: os fatos em si são de menor interesse para a criança do que a maneira pela qual eles tem sido descobertos, e assim as crianças podem ser conduzidas para a história das realizações humanas, das quais elas querem fazer parte.

1

Romanos VIII, 22. (N.T.)

2

Gênesis I. 27-28. (N.T.)

[3](#)

Henri Fabre (1823-1915), entomologista francês, dedicou-se à observação de insetos. Suas principais obras foram *Anais de ciências naturais* e *Memórias entomológicas*. Desta última, a autora cita dois dos volumes que a compõem. O trabalho de Fabre foi reconhecido pelos cientistas apenas no final de sua vida. (N.R.)

[4](#)

Maria Montessori viveu na Índia durante a Segunda Guerra Mundial, e conheceu de perto o potencial das riquezas minerais do país. Tendo em vista o carinho de Montessori por esse país que a acolheu tão bem, sabemos que essa frase denota muito mais um lamento do que qualquer possível postura discriminatória. (N.R.)

[5](#)

Trata-se, aqui, de uma característica do sistema Montessori: nos materiais de aprendizagem há sempre um objetivo inicial ressaltado e outros surgem, gradativamente, à medida que a criança se sente apta a ir adiante nas suas descobertas. (N.R.)

O HOMEM PRIMITIVO

Algo novo surgiu no mundo juntamente com o homem, uma energia de vida psíquica, diferente de qualquer uma que já tivesse surgido. Desde o começo ele utilizou ferramentas, como nenhum animal havia feito antes, embora alguns tivessem mãos que os possibilitassem pegar os objetos. O primeiro homem cujos sinais foram encontrados é chamado de paleolítico, que quer dizer “aquele que talhou ferramentas na pedra”, e, embora pouquíssimos de seus resquícios tenham sido encontrados, sua presença ficou comprovada por meio da descoberta de seus utensílios, de pedras polidas e pontiagudas. É significativo que esse homem tenha deixado para trás seus trabalhos manuais, sinal de sua inteligência criativa, em vez de deixar seus resquícios corpóreos entre os animais inferiores. Aqui está a diferença colossal dessa nova energia cósmica. Partindo daqueles instrumentos rústicos, logo as armas e ferramentas criadas pelo homem tornaram-se finamente trabalhadas, demonstrando, inclusive, atenção a aspectos como ornamentação, e ele pôde rabiscar figuras nas rochas.

O período paleolítico é dividido em primitivo, ou de trabalho inferior, e secundário, com um trabalho mais refinado em pedra, por

meio do qual os sinais da existência do homem tornaram-se mais numerosos e expandidos. O subperíodo primitivo é também conhecido pelos cientistas como cheliano, e aqueles que estudam grupos raciais chegaram à conclusão de que há ainda cerca de 20 grupos sobrevivendo no globo que estão nesse estágio de civilização, embora vivendo sob o domínio de um outro ser superior a eles. Eles foram deixados como monumentos de um passado muito distante e, juntamente com os sinais encontrados pelos geólogos e arqueólogos e com as tradições passadas de pai para filho na literatura durante os últimos cinco mil anos, eles nos capacitaram a ver a vida humana como um filme.

Cada nova civilização que surge vem, sucessivamente, evoluindo, cada vez com maiores exigências no processo. Não que o princípio mais importante tenha sido fazer a vida mais fácil e mais feliz para o indivíduo, mas principalmente porque o meio ambiente sempre fez grandes reivindicações ao trabalho do homem a cada novo passo e somente os homens poderiam desenvolver-se com seu meio ambiente e por meio do serviço prestado a ele. Mesmo numa civilização avançada, ficar parado tem sempre sido sinônimo de estagnar e morrer.

O homem tem relativamente pouca força, tem a pele nua, sem armadura e com desvantagem física em relação a muitos mamíferos, mas lhe foi dada grande inteligência, porque ele está destinado a executar um trabalho essencial na criação, mais do que qualquer outra expressão de vida que se tenha desenvolvido. Sua nova arma era a mental.

Então, vemos o homem entre animais ferozes, cujas garras e dentes podiam dilacerá-lo, também sem ajuda contra as barreiras de montanhas que impediam a exploração e a aventura, invejando nos pássaros as asas que podiam cortar os céus, nos peixes o seu poder de nadar. Por natureza, ele não podia voar nem nadar, tampouco despedaçar seus inimigos ou fugir deles. Mas a nova arma tem provado sobrepujar a tudo em efetividade e, com o tempo, a superioridade chegou, não para os que possuem pernas e braços mais poderosos, mas para o maior cérebro e, acima de tudo, para a imaginação. O homem é o agente-chefe de Deus na Terra para a criação, não tendo vindo para ser somente seu senhor e divertir-se, ser orgulhoso e vangloriar-se como fazem os tolos. Um homem que triunfa em sua superioridade em relação à sua raça nunca triunfará por muito tempo; ele cai, deixando um rastro de morte e destruição, como a história comprova abundantemente. Os verdadeiramente grandes são os humildes. Mas nós podemos legitimamente estar orgulhosos e alegres que o homem tenha transformado seu mundo, ao longo das eras, em um lugar que agora está além do planejamento da natureza. Encontrando as piores condições que poderiam ser imaginadas por alguém como Robinson Crusoe, o homem edificou a civilização.

Houve três períodos glaciais, com intervalos entre eles, sendo que o primeiro e o segundo foram os mais longos, avançando mais para o sul. Não muito antes da chegada do homem, o Himalaia e os Alpes ergueram a cabeça e o Oceano Pacífico foi formado onde grandes massas de terra foram submersas. Regiões que estavam anteriormente unidas tornaram-se isoladas. A Inglaterra e a Irlanda ficaram por um longo período "acondicionadas no frio" e o Saara era um campo agradável e fértil.

No terceiro período glacial a Terra foi novamente recoberta de gelo, excluindo-se somente o afastado Sul. Entre os Alpes e o Cáucaso estendeu-se um corredor de temperatura moderada no qual o homem pôde resistir. Cerca de 18 mil anos a.C. o gelo desapareceu, e as quedas d'água verteram tais volumes no oceano que ocorreu outra grande inundação, talvez a original da história bíblica.

Terras ergueram-se e afundaram e, fora da sublevação, a Itália assumiu seu

formato atual, juntamente com a Espanha e a Grécia, o oceano sendo empurrado para dentro da terra para formar o mar Mediterrâneo do que tinha sido anteriormente um rio. Um outro rio tornou-se o mar Vermelho e muitas foram as mudanças mais a oeste. A Terra, mais uma vez, estava calma e poderia prosseguir com a sua toalete!

Durante essas eras tumultuosas, os homens tinham vivido entre as placas de gelo, a maioria em florestas e à margem das correntezas, na mesma vizinhança que mamutes gigantes, maquerodos, alces e veados, como também os pequenos cavalos, uma espécie de búfalo e de castores gigantes. Ainda não havia leões, ou tigres normais, mas os elefantes de pequeno tamanho fizeram sua aparição no período acheulense, que seguiu o eheliano. Então vieram também o boi almiseareiro, o antílope e a ovelha. Esses homens primitivos eram gigantes, demonstrando pouca inteligência apesar de utilizarem ferramentas rústicas. Após o ano de 50.000 a.C., uma raça menor e mais inteligente apareceu, utilizando lascas de pedras como facas e modelando-as com certa habilidade. Sua comida era composta por grãos, raízes, cobras, lagartos, ovos e sapos; realmente eles eram onívoros. Eles tinham estranhos ritos funerários de adoração ao morto. O homem de Cro-Magnon era parecido com o índio americano. Durante o terceiro período glacial os animais e os homens viviam, igualmente, em cavernas para se abrigarem e um perigoso vizinho era o grande urso das cavernas. Como o gelo empurrou os homens e os animais para as florestas, o homem então vivia da caça. A arte fez sua aparição com estátuas, cabeças de cavalos e de outros animais sendo esculpidas em rochas. Colares e outros ornamentos, armas e utensílios domésticos começaram a ser queimados com o morto, geralmente encontrado na posição sentada, com os joelhos emparelhados ao queixo.

Povos migratórios vieram do norte da África trazendo leões, e do oeste da Ásia trazendo grandes cavalos, e no período que chegaram os magdalcenianos, o homem não era mais primitivo, mas trabalhava com ossos e chifres em vez de pedra os ossos eram utilizados como agulhas para costurar e também como arpões e lanças para pescar. Esses arpões ainda são guardados, dada a superstição de que trazem sorte, e é curioso que eles sejam encontrados na Espanha perto dos Pirineus, onde não há evidência de ter existido água na época em que eles devem ter sido utilizados. A conclusão é que eles foram transportados e que já existia um comércio de artigos luxuosos e de beleza artística, pois eles eram lindamente ornamentados, especialmente os feitos no

Egito. Como de costume, os objetos mercantilizados eram coisas inúteis, que satisfaziam mais ao espiritual do homem e a suas necessidades estéticas, mas eram esses os objetos permutados e para trazê-los os homens arriscavam a vida.

O *Homo sapiens* havia chegado depois que as perturbações que acompanharam o grande dilúvio - ou o último deles, caso tenha havido mais de um - tinham se acalmado, e ele foi capaz de cultivar o solo ricamente fértil, domesticar os animais para que o servissem e manter os cães para tomar conta deles. Ele era o senhor de tudo, vestindo-se com peles ou com tecidos feitos da lã das ovelhas, com arco e flecha como arma, assim como facas, que tinham ornamentação em jade, ouro e bronze; surge também a cerâmica artística para finalidades domésticas. Essa era uma sociedade avançada e o homem poderia, de agora em diante, ser classificado em dois tipos, pastor ou agricultor, os quais se oporiam uns aos outros por muito tempo.

No início, o homem era um caçador, precisando defender-se das criaturas ferozes, de força física superior, e mais tarde querendo matar para obter alimento, já que seu paladar tomara-se mais carnívoro e ele desenvolvera mais confiança em sua perspicácia. Após algum tempo, ele aprendeu a domesticar alguns animais, para sua utilização c conveniência. Essa domesticação não era feita, como geralmente se imagina, domando os animais, mas sim capturando-os c mantendo-os cm cativo. Animais cativos que eram capazes de se adaptar e reproduzir-se dentro das condições fornecidas pelo homem tornavam-se domesticados, enquanto outros, como os antílopes e as zebras, nunca conseguiram se adaptar. No Egito era comum manterem-se leões, hienas e leopardos em cativo. Parece provável que inicialmente a domesticação tinha propósitos sagrados mais do que domésticos, com o gado sendo escolhido para o sacrifício por seus chifres e o leite sendo primeiramente bebido pelos sacerdotes e depois pelas demais pessoas. A vaca permanece um animal sagrado na Índia e todas as religiões têm relíquias de animais sagrados. Cerca de 50 dentre 100 mil espécies da vida selvagem foram domesticadas pelo homem.

Dois instintos podem ser encontrados no homem, um sendo errante c o outro sendo o seu oposto, o de ficar preso a um lugar. O primeiro foi expresso mais cedo; pelo fato de o homem ter reunido manadas e rebanhos de animais domésticos, havia a necessidade de estar continuamente em movimento, para achar pastagens frescas quando as que ele estivesse explorando se esgotassem. Mas logo haviam de ser encontrados os colonizadores, que contrastavam com

esses nômades. Após os homens terem permanecido tempo suficiente em um lugar para efetuar alguma mudança nele, eles criavam uma ligação com o local e permaneciam lá, cultivando o solo para a colheita e formando uma comunidade. Esses povoamentos eram geralmente estabelecidos na boca dos rios, ou em campos com bastante água e terreno fértil.

Os colonizadores produziam e os nômades vinham para pegar os frutos do trabalho deles, geralmente por meio da utilização de força armada. Esse parece ter sido o curso da história desde os tempos mais primitivos e, embora aparentemente injusto, isso ajudou, por meio da mistura de produções e de culturas, a desenvolver a civilização. Foi a revelia deles mesmos que os homens foram colocados juntos e organizados, pois cada grupo tinha crescido consciente da exclusividade e da intolerância. A linguagem comum iria unificar o grupo, tendendo a tornar-se mais complicada com o avanço da civilização, e um sistema religioso próprio seria formado tendo por base tradições e costumes, especialmente no que dizia respeito à disposição dos corpos dos mortos. Cada povoado teria seus tabus contra os hábitos alheios de alimentação e vestuário e os sacerdotes tendiam a se opor a inovações e ficavam alertas contra qualquer relaxamento de exclusividade. Nas bacias férteis dos rios e nos deltas, a arte e a literatura desenvolveram-se em todos os tipos de aplicações, como a música e os meios de satisfação espiritual, mas o indivíduo tornara-se mais preguiçoso e egoísta, com sua psicologia sendo direcionada para a obtenção do máximo resultado por meio do menor esforço. Os nômades visitavam esses povoados, às vezes atuando como comerciantes entre um centro e outro de civilização, e podiam invejar as condições que encontravam, eles próprios fortes o suficiente para agarrar pela força o que desejassem, embora fossem considerados inferiores.

A civilização é para ser julgada não somente pela sua aparência externa, mas também pelos seus padrões morais. Os nômades não se desenvolveram exteriormente tanto quanto os colonizadores e eram habitualmente desprezados como sendo bárbaros, mas eles desenvolveram certas qualidades que eram muito mais avançadas do que as daqueles que os desdenhavam. Seu modo de vida obrigava-os a uma grande disciplina, ordem e bravura, tolerância ao frio, ao calor, à falta de comida e de água e a uma devoção e lealdade tribal para com um líder. Tais qualidades deram-lhes uma vitória fácil sobre as comunidades mais frágeis e assim o plano tinha sido, inevitavelmente, realizado. Culturas tribais e raciais misturaram-se e toda a riqueza humana passou a circular constantemente. Os produtos da civilização logo se impuseram aos conquistadores selvagens, os

quais, por sua vez, adotaram hábitos colonizados e abrandaram-se. Coisas que significaram um aprimoramento no que tinha ocorrido antes não puderam nunca ser perdidas ou descartadas.

Exceto entre tribos primitivas, os aldeões não mais se armavam contra agressores e estranhos indesejáveis, mas ainda hoje as nações se armam para defender suas fronteiras e reconhecem responsabilidades somente para o seu próprio povo, ignorando a unicidade humana, ou estão apenas começando a dar, de má vontade, algum reconhecimento a ela. Então está sendo necessário, até aqui, utilizar a violência para produzir misturas, guerras e conquistas, migrações de excesso de população para colonização, comércio, exploração de riquezas minerais ou por mero amor à aventura e às mudanças, o que ainda faz de algumas pessoas incansáveis perseguidoras de perigos, desafiando obstáculos. A estagnação sempre significou a morte, de maneira que aos povos nunca foi permitido que ela fosse muito longa, e as conquistas têm contribuído, finalmente, para adicionar riquezas de um tipo ou de outro a ambos, o conquistador e o conquistado, e para a totalidade da vida humana em geral.

Se a união humana - que é um fato na natureza - vier a ser finalmente organizada, isso será feito somente por uma educação que aprecie devidamente tudo o que foi realizado pela cooperação humana e que esteja preparada para afastar preconceitos com vistas ao trabalho em comum, para o Plano Cósmico, o que também pode ser chamado de desejo de Deus, ativamente expresso no conjunto da Sua criação. Ouvimos muitas conversas, amplamente ineficazes, sobre a organização do mundo, mas a palavra que deveria ser utilizada seria, preferencialmente, “organismo”. Quando for reconhecido que o mundo já é um organismo vivo, suas funções vitais serão menos impedidas de operar e isso poderá, conscientemente, entrar em sua herança no dia em que “toda a criação estiver gemendo e trabalhando arduamente junta”.

As religiões e as línguas mantêm os homens separados, enquanto as artes, a ciência e os produtos industrializados os unem. Onde há fixação do espírito para com uma ideia é difícil mudar, e a língua não pode ser facilmente transmitida porque ela está encarnada. Por meio de sua linguagem, as pessoas de um grupo ficam em sintonia umas com as outras, entretanto, outras de fora do grupo não podem sintonizar com elas. Isso parece um impasse que deve continuar a nos confundir, uma vez que as linguagens regionais estão sendo revividas em todos os lugares e defendidas com vigor feroz, e a religião mostra uma pequena tendência a confederar-se, enquanto leva em consideração ainda haver mais

perigos em deliberadamente cultivar o espírito de irreligiosidade.

A resposta a todas as contradições está na educação correta, e os resultados não podem ser atingidos de outra maneira, quer seja política ou social. Isso requer a influência de coisas profundas e sagradas para mover o espírito, e para as novas crianças da humanidade civilizada devem ser desenvolvidos uma profunda emoção e um grande entusiasmo pela causa sagrada da humanidade. A religião então não precisará ser ensinada, o que verdadeiramente não pode ser feito, mas a admiração pela verdade, interna ou externa, crescerá em liberdade natural e as barreiras da linguagem poderão ser eliminadas antes que as forças econômicas alinhem-se contra elas, quando uma melhor compreensão mútua dos propósitos humanos prevalecerá.

O HOMEM, CRIADOR E REVELADOR

Reconstruções imaginárias do passado histórico de nosso globo e de seus habitantes tem-nos sido possíveis graças às descobertas de homens inteligentes. Elas têm sido o resultado não de uma inteligência comum desassistida, mas que conta com o auxílio da ciência sistemática. O homem culto da atualidade é superior ao homem natural, tendo poderes sensoriais que vão muito além daqueles dados pela natureza - por meio do telescópio e do microscópio, que estendem sua visão, e também do acúmulo de pesquisas de matemáticos, químicos e físicos que investigaram os segredos da natureza por intermédio dos poderes mágicos da mente humana. Assim, surge a magnitude do homem, um agente criativo e transformador, superior aos animais e às plantas, explorador do mundo todo e do universo fora dele, capaz até mesmo de voltar no tempo e explorar o que há muito já deixou de existir.

Cada assunto de nosso interesse e estudo pode ser relacionado aos seres humanos que têm trabalhado, frequentemente famintos, para sobrepujar obstáculos para sua compreensão e para nos oferecer conhecimento sem que tenhamos que sofrer tais pesares. Tudo é fruto

da alma humana e nós encarnamos essa frutificação na educação, esse repositório de conhecimentos e riquezas passados às nossas mãos pelo homem. Nós mesmos devemos sentir - e inspirar nas crianças - admiração por todos os pioneiros, os conhecidos e os desconhecidos, possuidores da chama que tem iluminado o caminho da humanidade.

As pessoas, em sua maioria, são lentas em interessar-se por coisas novas; até mesmo as pessoas mais intelectualizadas fazem pequenos progressos no mundo dos pensamentos, olhando com hostilidade para cada ideia nova que desafie a segurança de cada um. Mentalmente, assim como fisicamente, há pessoas preguiçosas, desejando apenas aproveitar a vida. Enorme é a admiração devida àqueles que são diferentes, encorajados por uma força interna a fazer coisas mesmo contra seu próprio bem-estar e sua felicidade, a ponto de colocarem em risco a própria vida.

Os gregos, há mais de dois mil anos, tinham atingido grandes marcos na arte e na literatura e eram altamente cultos para sua época. Um grego, que era poeta, não se sentiu capaz de aceitar como verdadeiras todas as coisas que lhe foram ditas sobre os costumes bárbaros existentes fora da Grécia, de que os povos do Norte dormiam seis meses do ano e que os do Extremo Sul tinham todos a cabeça raspada. Ele decidiu viajar e ver por si mesmo se essas coisas eram verdadeiras. Ele foi avisado quanto a inúmeros perigos, sobre gigantes devoradores de homens e também sobre feiticeiros, assim como sobre os perigos dos oceanos desconhecidos e das forças elementares. Mas ele persistiu; ele tinha que viajar para completar sua vida. Ele se foi em um pequeno navio, lentamente empurrado pelos remos e pelas velas, enquanto seus amigos imaginavam que jamais o reveriam. Mas, depois de 17 anos, ele retornou, e seus velhos amigos, avidamente, reuniram-se ao redor dele para fazer perguntas. Teria ele visto um ciclope - um gigante com um único olho no meio da testa - ou um homem que tivesse dormido por seis meses seguidos? E sobre os centauros e as sereias? Ele respondeu que não tinha visto nada disso, mas sim grandes maravilhas, homens muito parecidos com ele mesmo em todos os países, comendo, dormindo e vestindo-se de maneira muito parecida com a dele; a Babilônia era uma cidade maravilhosa, com casas de três pavimentos de altura e com jardins suspensos, senhoras perfumadas e sábios filósofos; a Pérsia, onde eles cultuavam um único deus em vez de vários, as pessoas beijavam-se umas às outras quando se encontravam na rua e ensinavam as crianças a ler, atirar flechas e a sempre dizer a verdade.

O viajante que havia retomado, cujo nome era Heródoto, escreveu todas essas coisas e muitas outras em um livro para ler a seus amigos, e agora ele é chamado “o pai da História”, pois este foi o primeiro livro do tipo.

Alexandre, o Grande, outro grego, foi também um grande viajante, descobrindo a Alexandria no Egito e muitas outras cidades chamadas pelo seu nome. A

Alexandria tornou-se o ponto de origem de uma grande universidade, e seu diretor era também um descobridor, embora de um tipo diferente. Ele queria explorar mentalmente, jogar uma nova luz sobre a matemática e a astronomia. Por observações da sombra da Terra na Lua durante os eclipses, ele descobriu que a Terra era redonda. Ele dividiu um círculo em 360 partes e calculou as medidas da Terra. Ele descobriu que quando o Sol estava diretamente em cima de Assuã, no mesmo meridiano da Alexandria, isso fazia um ângulo com o zênite de sete graus, e como a distância real de Assuã até a Alexandria através de medição era de cinco mil estádios, por proporção ele calculou a circunferência ao redor da Terra. Esse grego se chamava Eratóstenes e viveu aproximadamente no ano 200 a.C. Também no ano 200 a.C., um egípcio chamado Ptolomeu fez um mapa com todos os países conhecidos do mundo, mostrando nele uma grande parte da Ásia e da África, assim como também de países mediterrâneos da Europa.

Ainda temos descobridores desse tipo entre nós. Há apenas 25 anos, o presidente do Museu de História Natural de Nova York estava convencido de que o deserto de Góbi, na Ásia Central, poderia produzir ¹ valiosos resultados se fosse explorado para a localização de resquícios dos monstros primitivos. As pessoas riram dele e pensaram que seria perda de tempo e de trabalho, mas ele persistiu e organizou uma expedição com o Sr. Anderson - o curador em pessoa - chefiando, porque ele tinha anteriormente conduzido uma expedição para estudar a vida das baleias nos mares árticos e apreciara tal pioneirismo. Com ele foram dez homens que acreditavam em suas ideias e no projeto. Eles chegaram a Pequim, onde compraram três carros, mas nada encontravam além de desencorajamento: todos só os alertavam sobre os perigos das terríveis tempestades do deserto, do calor excessivo durante o dia e do frio à noite, da falta de assistência humana ou de conforto. Além disso, como poderia haver resquícios de répteis anfíbios em um platô tão elevado, distante de qualquer mar? Mas eles prosseguiram, armados com rifles, inicialmente acompanhando outras caravanas, mas logo deixados à própria sorte para penetrar o temeroso desconhecido do interior do deserto. Ninguém tinha a expectativa de que aqueles homens loucos sobreviveriam para retomar. Perseverando em meio a dificuldades tremendas, eles começaram a cavar na areia, num aparente desalentador desperdício, numa extensão infundável e monótona. Por fim, eles repentinamente chegaram a um pedaço de osso de verdade e então começaram a dançar ao redor dele em deleite, pois essa era a prova de que a esperança deles era justificada. Antes de retornarem, eles tinham conseguido provas suficientes - um lugar onde os dinossauros haviam vivido e morrido às

centenas. Eles tinham solucionado o problema por meio do descobrimento de muitos ovos, comprovando como esses répteis propagavam a geração dos filhotes. Durante as escavações, eles chegaram a colunas enormes, parecendo-se com os ossos de alguns monstros mamíferos. Então outros ossos foram encontrados, evidentemente pertencentes à mesma criatura, e finalmente as pernas na posição em pé, demonstrando a morte por afogamento na areia movediça.

Assim eles tinham abundantes recursos para retornar a Nova York e estavam bem satisfeitos, embora não tenham recebido quaisquer recompensas pessoais. Eles conquistaram uma vitória moral e a adicionaram ao conjunto do conhecimento humano, mas muitos ainda pensavam que eles eram loucos por cavar em um deserto e regozijarem-se por ter encontrado alguns ossos velhos.

Nós não cultivamos admiração por esses aventureiros e exploradores do passado e do presente com o objetivo de pagá-los com a nossa gratidão, pois eles estão além do nosso alcance; mas nós queremos ajudar a criança a entender a parte que a humanidade tem representado e ainda tem que representar, porque tal compreensão conduz a uma elevação da alma e da consciência. A história tem que ser viva e dinâmica, despertando entusiasmo, e sendo a destruidora do egoísmo intelectual e da indolência egoística. Por dois mil anos nós temos sido ensinados: “Amareis vosso próximo como a vós mesmos”.² E nós estamos um pouco mais próximos de fazer isso, pois a mera pregação não adianta nada. A elevação da mente é geralmente ensinada por meio da poesia e da literatura, expressões da alma humana, intangíveis e quase sem sentido para a mente da criança. Mas a história das conquistas humanas é real, uma testemunha viva da grandeza do homem, e as crianças podem facilmente ser trazidas à emoção do conhecimento de que há milhões de pessoas como elas mesmas, aspirando mental e fisicamente por resolver os problemas da vida, e que todos contribuem para uma solução, embora somente um possa achá-la.

No campo dos pensamentos, assim como no das eras geológicas, o ambiente tem que ser preparado para uma mudança iminente. Quando a preparação correta do pensamento está concluída, as descobertas podem acontecer por meio da organização de muitas mentes nessa adequada atmosfera psíquica. O ponto de cristalização de centenas de intelectos está na pessoa de um homem, que expressa algo proveitoso de forma notável ou descobre um novo conhecimento. A exceção da poesia, os pioneiros sempre dependem do auxílio daqueles que vieram antes deles; o presente se sustenta no passado, assim como a casa se

sustenta em sua fundação. O homem tem ido muito além da natureza no trabalho da criação, e ele não poderia ter feito isso a menos que tivesse aceitado o sentido de um Deus sem mãos ou pés, que apesar disso caminha através do comprimento e da largura do universo, criado e ainda sendo trabalhado por Ele, por meio do homem e de outros agentes.

O homem não se considera mais limitado às próprias mãos para a realização de seus desejos, pois ele tem as máquinas. A supematureza é agora seu conhecimento de potencialidade. Uma vida mais ampla e mais sublime pertence a ele, como nunca antes, e as crianças devem estar preparadas para isso, de maneira que o princípio fundamental na educação deve ser a correlação de todos os assuntos e sua centralização no Plano Cósmico.

AS GRANDES CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS

Foi só recentemente que a pesquisa histórica passou a contar com o auxílio da ciência, e uma consequência disso tem sido o fato de que datas hipotéticas referentes aos primórdios das organizações sociais têm sido rechaçadas e não puderam ainda ser lixadas. É surpreendente achar que em nenhum período da Antiguidade já explorado, a humanidade tenha aparecido sem centros de civilização de um tipo relativamente avançado, embora os bárbaros fossem a grande maioria - e os acadêmicos têm agora que admitir uma certa base de verdade em muitas tradições e em muitos mitos anteriormente desprezados.

Especialmente uma alteração de cronologia torna-se necessária com respeito às tradições orientais. A civilização tem ultimamente sido observada como sendo principalmente um produto do Ocidente, ligada somente superficialmente aos centros ancestrais do Oriente. Sábios indianos têm reivindicado com consistência uma Antiguidade para seus registros e trabalhos de filosofia profunda, os quais têm sido utilizados para abalar a credulidade dos acadêmicos ocidentais, mas que agora têm encontrado comprovação suficiente para impor respeito, apesar de ainda

não totalmente aceitos. Um fato claramente estabelecido é que houve civilizações asiáticas de tipo avançado muito anteriores à europeia, e até mesmo à egípcia, e que ambas derivam de uma terra primitiva, um continente perdido.

Tem sido demonstrado nos capítulos anteriores como frequentemente a Terra passou por transfigurações, por meio de agentes naturais, para o cumprimento de

um plano. Uma dessas transformações causou uma terrível inundação que submergiu uma região inteira sob as águas do oceano Atlântico, cerca de 75 mil anos a.C. O único remanescente que restou desse continente atlântico foi uma ilha chamada Posídonis, a qual por sua vez afundou no décimo milênio a.C., como registrado historicamente pelo sábio grego Solon, que tinha recebido o conhecimento dos sacerdotes egípcios. Essas catástrofes mundiais, que tanto alteraram a face do mundo ocidental, transformaram também partes da Ásia, submergindo a maior parte da antiga Lanka, ao sul da Índia, e emergindo o Himalaia e o platô asiático central. Mas a vida não foi interrompida e extirpada na Ásia como o foi em Atlântida, e civilizações sobreviveram e especialmente prosperaram, alimentadas por correntezas de imigrantes de Atlântida que tinham sido talvez conduzidos por presságios e por avisos sacerdotais para fugir da terra condenada, ou tinham vindo pelo curso habitual da colonização. Os atlânticos parecem ter sido conhecidos por constituir uma raça aventureira e colonizadora, assim como também de riqueza e poder imperial, e a cultura deles sobreviveu por muito tempo no Egito, no Peru e em muitas partes da Ásia, onde ela pode ser claramente distinguida da raça subsequente dos ários.

As pessoas que vieram para ocupar as terras pantanosas da Europa assim que estas estavam suficientemente secas para a habitação chegaram em ondas sucessivas provenientes da Ásia Central, algumas pelo Cáucaso e pela costa mediterrânea, e outras por uma rota mais ao norte, tendo deixado sua terra natal ariana provavelmente porque ela estava se tornando completamente seca em uma extensão desconfortável, por volta do ano de 20.000 a.C., pois se imagina que o deserto de Góbi ocupe agora aquela parte da superfície da Terra. Aqueles que não migraram para a Europa ou para a África fizeram uma viagem penosa pelo Sul em direção à Pérsia e à Índia, transformando aquela terra na Aryavarta, conforme eles iam gradualmente penetrando ou conquistando os estados de Atlantes existentes por lá. povoados de gente rica e sofisticada, de uma civilização infértil e de alguns maus hábitos - os Rakshasas dos antigos contos indianos.

Assim, a Índia tomou-se uma grande conexão entre a civilização mais antiga e a mais recente, criando um certo incômodo decorrente de algumas diferenças irreconciliáveis, mas desenvolvendo uma rara tolerância e uma estrutura de coesão social por meio de seus grandes líderes, filósofos e santos. Os acadêmicos ainda não podem concordar justamente quanto à parte em que o divino Sri Krishna dirigiu a carruagem de Arjuna no campo de Huruksheeta, ou quando o perfeito rei Rama lutou com Ravana para recuperar sua bela esposa

Sita, mas poucos agora negam a esses fatos um lugar na história.

Mais completamente atestados estão os registros de Lorde Gautana- o Buda cujos seguidores religiosos representam um grande número entre as crenças, assim como dos filósofos hindus Sri Sankaracharya e Sri Ramanujacharya, que talvez tenham feito tanto quanto ele para estabelecer para a civilização indiana uma ideia espiritual central da qual nenhuma outra nação tem-se aproximado. A Índia esteve isolada por muitos anos de contatos externos saudáveis com outros povos ários, até que, séculos mais tarde, conquistadores e comerciantes se assentaram em suas fronteiras, trazendo-lhes benefícios bem como a si mesmos - os muçulmanos adicionando suas culturas para enriquecer o padrão nacional de vida e fornecendo uma de suas mais sábias autoridades na pessoa do Imperador Mongol Akbar. O domínio inglês desde então tem trazido as correntes provenientes do pensamento moderno do Ocidente e agitado a atividade política.³

No mundo antigo, o lugar das universidades era ocupado pelas instituições religiosas chamadas de “mistérios” - nas quais homens de grande intelecto procuravam ser admitidos que tinham, verdadeiramente, filiais internacionais. As maiores delas estavam na Índia, na Babilônia e no Egito - o antigo mistério grego de Elêusis - e tinham ramificações em outros locais. O centro original era tradicionalmente a Atlântida, em sua época dourada de esplendor e sabedoria, e os druidas da Britânia e da Gália também obtinham seus conhecimentos dessa mesma fonte. O grande sábio grego Pitágoras viajou para a Babilônia e para a Índia para aprender a sabedoria com os magos e brâmanes.

Outro centro asiático de civilização dos tempos remotos é a grande nação da China - ou Catai agora novamente sendo regenerada, depois de muitos anos de conflitos da alma em agonia e chamando mais e mais a atenção dos acadêmicos pelos seus segredos da juventude eterna e da beleza. Até hoje houve pouca pesquisa arqueológica na China, de modo que não é possível fixar a data do início dessa civilização. Contudo, o país abrigou um tipo avançado de cultura, uma vez que nada similar era do conhecimento de outros povos. Sua falha é atribuída ao fato de que os chineses estavam tão satisfeitos com sua própria perfeição de desenvolvimento evolutivo que se isolaram, perigosamente, dos contatos externos - tão fatal para o percurso humano quanto nós temos observado ser para as espécies animais.

O povo da China, os turanianos e os mongóis, igualmente, são imaginados como

sendo provenientes da descendência de Atlantes, e alguns os ligam com os akkades da Ásia ocidental, desalojados pelos semitas das terras da Mesopotâmia. Ninguém sabe especificar quando os chineses desenvolveram a arte da impressão, nem invenções como a bússola, que veio a ser conhecida pelos europeus por meio deles, porém séculos mais tarde. Seu grande sábio, Lao-Tse, foi o fundador do taoísmo e foi contemporâneo de Buda, cuja religião foi difundida também na China, para se harmonizar e misturar a ela. Mas a cultura e as maneiras dos chineses relacionam-se mais ao sábio Confúcio, também nascido no século VI a.C., que escreveu o carro-chefe dos clássicos chineses e ainda é venerado por todos.

Um viajante veneziano chamado Marco Polo tornou conhecidos na Europa do século XIII as riquezas e o poder do império da Antiguidade e, desde então, muitos produtos de consumo e invenções têm sido copiados, incluindo a impressão, os processos de produção da seda, a seleção dos chás e a pólvora. Suas portas têm tido que ser forçadas para ser abertas ao comércio e, apesar de enfrentar muitas vicissitudes, a civilização chinesa tem conseguido preservar sua integridade espiritual.

O EGITO ATRAVÉS DAS ERAS

A civilização egípcia parece ter florescido - com alguns períodos de completa escuridão - da era paleolítica aos dias atuais e ter influenciado, por meio dos gregos, a maior parte da cultura europeia. Por sua posição central e pela riqueza de seus recursos naturais decorrente, sobretudo, da generosidade de seus rios -, o Egito serviu de ponto de partida para a disseminação da civilização, com a vantagem adicional de ter herdado muitos conhecimentos de ciências e artes provenientes dos povos primitivos do continente perdido. Os egípcios também tinham uma genialidade para a colonização, sendo capazes de transferir seu meio ambiente; eles tinham mentes criativas, capazes de inventar o que os outros poderiam copiar.

Uma descoberta de tremenda importância para a humanidade foi feita no Egito, como sempre sendo o resultado de uma série de descobertas parciais que conduziram a uma ideia final. A inundação sazonal do Nilo deixou o solo sempre rico e fez germinar a vegetação em seu rastro, e o pensamento parece ter ocorrido a algum fazendeiro de cavar canais para a futura condução das revigorantes correntezas.

Assim, a irrigação passou a ser praticada e foi copiada pelos povos que viviam em bacias fluviais similares, especialmente na Mesopotâmia. Outra descoberta egípcia de grande importância foi o cobre. Uma substância verde era depositada nas margens do Nilo, sempre que a água se movimentasse como um redemoinho em poças estagnadas com muitas algas boiando no assentamento da água da enchente. Os egípcios supervalorizavam a cor verde, a qual era por eles observada como revigorante, chegando até mesmo a pintar seus rostos de verde para ajudar a ter vida longa. Encontrando, então, essa malaquita verde, eles cavaram a terra para misturá-la à gordura para a elaboração de uma pomada para a pele, e tentaram aquecê-la no fogo para que a mistura pudesse ser melhor. A gordura queimou e restou uma camada dura, que era o cobre. Essa nova substância começou a ser utilizada para a fabricação de dinheiro, potes e ornamentos que eram produzidos em grandes quantidades. Vasos esculpidos em cobre eram muito caros, mas eram inquebráveis e por isso tinham uma grande demanda. Assim a mineração foi iniciada para a obtenção de mais malaquita. Também o latão logo foi utilizado, com instrumentos musicais sendo feitos de latão e cordas. Os egípcios eram mestres nas habilidades manuais, insuperáveis em sua técnica, e amavam seu trabalho. Até as camas eram muito mais bonitas do que as que temos hoje em dia; elas tinham pés maravilhosamente entalhados para dar a aparência de animais e tinham degraus ornamentados para que se pudesse subir nelas, mas somente um duro apoio de cabeça feito de madeira servia como travesseiro. Isso era assim no ano de 4000 a.C., e as mesas, as cadeiras e os espelhos também eram de maravilhosa beleza. As colheres eram de marfim incrustado e as mulheres usavam pentes ornamentais nos cabelos. Assim a alma egípcia expressava-se na beleza. Eles tinham por costume enterrar os ornamentos e instrumentos musicais com os cadáveres nas tumbas, além de também incluírem os utensílios agrícolas e as estátuas de escravos, que imaginavam poder, magicamente, tornarem-se vivos novamente na terra dos mortos, para assim serem capazes de cultivar outra vez as terras do seu senhor, da mesma forma como haviam feito no mundo dos vivos. Corpos mortos eram levados pelo Nilo em procissões de três barcos. Um carregava os sacerdotes e os parentes, com o sarcófago ou caixão; o segundo levava carpideiras profissionais, cuja presença era obrigatória para os ritos; no terceiro barco havia comida e todos os objetos preciosos para serem sepultados com o morto para sua posterior utilização. Na chegada ao outro lado do rio, o caixão era levado para a tumba por touros ou bois, que eram sacrificados durante os ritos. Muitos registros de escritos sagrados foram descobertos nas paredes das tumbas. Mais tarde seriam escritos em rolos de papiros, que foram reunidos no Livro dos Mortos, e que os acadêmicos têm conseguido decifrar. Esse culto ao morto tem sido de

grande valia para a história, mas sua ideia original não tinha esse propósito, assim como as plantas também não pretendiam ser enterradas para nos fornecer o carvão.

Para o embalsamamento de seus mortos, os egípcios precisavam de muitas ervas e especiarias raras, além de pedras preciosas e metais para o trabalho ornamental, e utilizavam dois tipos de barco, um para o Nilo e outro para o mar, com velas lindamente decoradas. Nesses barcos eles navegavam ao longo da costa do Mediterrâneo e do mar Vermelho e desciam a costa leste da África até a Somália; então eles penetravam o Golfo Pérsico com destino à Síria e para além, sendo também familiarizados com as ilhas do mar Egeu e da Ásia Menor.

Os sumérios eram colonizadores das costas do Golfo Pérsico, e uma lenda conta que um grande peixe veio a eles trazendo-lhes pequenos deuses que lhes ensinaram muitas maravilhas e tornaram a partir dentro do corpo do peixe. Esses povos sumérios também desenvolveram uma magnífica civilização, talvez auxiliados pelos egípcios. Há alguns anos, grandes descobertas arqueológicas foram feitas em Mohen-jo-Daro, ao noroeste da Índia, e lá foram encontrados resquícios dos sumérios.

Os egípcios pagavam a outros homens para que lutassem por eles e faziam com que escravos trabalhassem para eles - de maneira que o progresso da civilização nem sempre envolve bondade moral. As pirâmides e outros monumentos fabulosos foram construídos por escravos, sob o jugo de cruéis capatazes. Um grande faraó, que foi um reformador religioso, surgiu querendo purificar e simplificar o culto, dizendo que o mais importante dever do homem era viver na verdade e buscar a verdade. Os sacerdotes opuseram-se fortemente a ele, reivindicando que fosse substituído, e ele foi destronado, mas o Egito não estava mais unido e iniciou-se o seu declínio.

As religiões da Antiguidade não podem mais ser negligenciadas ou desprezadas quando do estudo da história, porque elas são uma parte importante da psicologia humana. A maioria dos homens primitivos possuía sensibilidade religiosa, o que os fazia capazes de ver espíritos nos vivos e nos mortos, nas árvores, no Sol e nas estrelas. Eles os viam com os olhos da imaginação, com os quais somos capazes de penetrar os mistérios existentes na natureza. O homem não pode funcionar sem sua religião, a qual tem-se adaptado a cada estágio de seu desenvolvimento. Houve muitas divindades no Egito e muitos mistérios envolvendo-as, com o chefe supremo de todas elas sendo o Sol, que criou o

mundo e o homem, deixando-os aos cuidados do faraó, seu filho. O Sol era chamado de Amon-Rá, e nenhum outro se igualava a ele, embora muitos fossem os deuses de menor valor. Fábulas maravilhosas foram contadas sobre Ísis e Osíris, os deuses encarnados que governaram o Egito. Osíris fora traído e morto pelos inimigos, e Ísis, depois de procurar, durante muito tempo, por seu corpo desmembrado, finalmente o recuperara. Então Osíris tornou-se o governante dos mortos, enquanto Ísis e seu filho Hórus haviam passado a governar a Terra. O homem vivia na Terra sob o olho de Amon-Rá e quando morria ia para Osíris para ser julgado, com o coração sendo pesado em uma balança cuja medida era a verdade. Os supersticiosos enchiam o coração do homem morto com chumbo, a fim de tentarem enganar Osíris na hora do julgamento.

Nenhuma explicação compreensível sobre a história do Egito pode ser dada aqui, mas apenas um guia para um estudo necessário. A filosofia da história moderna jaz na ênfase do encontro e da mistura dos povos, dos grupos com tendência a fundirem-se em grupos maiores, com as nações finalmente começando a organizar a unidade da humanidade. A miscigenação tem sido sempre um processo lento, e a civilização é seu produto. Os professores deveriam estudar a origem, a posição geográfica e o crescimento de cada grupo, seus movimentos e relações com os outros, obtendo a história de vida de todo o povo em vez de somente a dos indivíduos; tais fatos podem ser mostrados às crianças de uma maneira agradável.

A VIDA NA BABILÔNIA E SUAS RELAÇÕES COM TIRO

A terra regada pelos dois rios, o Eufrates e o Tigre, agora chamada de Mesopotâmia, tem sido o cenário de uma civilização quase tão antiga quanto a do Egito. Elas foram por muito tempo contemporâneas e rivais, mas a Babilônia tinha a mais variada ocupação, frequentemente caindo diante dos conquistadores, e os arqueólogos tem encontrado nas areias resquícios de cidades queimadas, como Nínive, uma adjacente e mais antiga capital da Babilônia. Os impérios de Caldeia, Assíria, Babilônia e Pérsia mantiveram o poder lá, um após o outro, dentro do espaço de mil anos a.C., em virtude de suas fronteiras não serem bem protegidas pela natureza.

Rawlinson,⁴ em sua *História da Babilônia*, descreve a grande cidade como ela deve ter sido nos dias do Rei Nabucodonosor, familiar

aos cristãos por meio das páginas da Bíblia. Ela era cheia de pessoas provenientes de todas as partes conhecidas do mundo - os dominantes semitas, com suas longas barbas e suas túnicas esvoaçantes; os sumérios, bem barbeados com saias plissadas curtas. Esses sumérios, membros de uma civilização primitiva que tinha sido subjugada, haviam conseguido manter o respeito de seus conquistadores semitas graças aos conhecimentos que possuíam. Muitos vinham consultar seus sábios, os quais eram profetas e astrólogos. Os templos eram os centros da vida da cidade e os sacerdotes eram ricos e poderosos.

Havia muito menos beleza arquitetônica do que no Egito, com ruas apertadas e construções feitas com um tijolo feio da cor da argila. O latão era utilizado e a cerâmica não era altamente artística. Havia muitos canais, feitos por Hamurábi, o legendário fundador, que deixou para seu povo sábias leis, dando proteção especial às mulheres e aos pobres. Essas leis e outras escrituras foram encontradas escritas em tijolos, os quais eram utilizados como livros. Um instrumento pontiagudo pode ter sido utilizado para rabiscar caracteres na argila macia do tijolo, que deveriam então ser queimados ao Sol para endurecer e preservar a escrita. Milhares desses volumes foram desenterrados. Nabucodonosor tinha uma biblioteca cheia deles em seu palácio.

Os babilônios eram um povo pacífico; com a mesma facilidade com que fugiam do exército de um conquistador, retornavam para reconstruir seus lares. Nessa ocasião havia cerca de sete milhões de habitantes e a cidade era confinada por um muro com 120 metros de altura, grosso o suficiente para um grupo de quatro cavalos ser conduzido, lado a lado, ao longo de seu topo. Esse muro tinha 80 mil metros de comprimento e 100 portões, o mais bonito sendo dedicado a Ishtar, deusa do Amor e da Guerra. Esse portão tinha seis torres de bronze e ouro incrustado com esmalte.

Uma avenida maravilhosa conduzia do Palácio do Rei ao Templo de Merodach; ela era alinhada em um dos lados com grandes estátuas de touros e leões, moldados em metal e esmaltados. Essas estátuas podem agora ser vistas no Museu Britânico. O Leão e o Touro são dois signos do zodíaco, também representando a constelação estelar de *Leo* (Leão) e *Taurus* (Touro). Todas as religiões da Antiguidade mantinham esses símbolos em grande reverência.

A Babilônia negociava não somente com o Egito, mas também com a cidade fenícia de Tiro, um Estado marítimo cujo povo fazia negócios por toda a costa da Europa e da África, chegando até mesmo às ilhas britânicas. Uma fina

descrição do esplendor de Tiro é dada pelo profeta judeu Ezequiel, na Bíblia; sua leitura nos possibilitará imaginar com clareza como o povo viveu na Babilônia e no Egito, assim como também em Tiro e em suas colônias. Ezequiel profetiza uma grande vitória de Nabucodonosor da Babilônia sobre Tiro:

Tu, filho do homem, entoas uma elegia sobre Tiro, a cidade instalada às margens do mar, que domina o comércio entre os povos, nas numerosas ilhas: Assim fala o Senhor Javé:

Dizias, ó Tiro: “Eu sou um navio da perfeita beleza”.

Teu império estendia-se pelo mar. teus construtores tornaram-te maravilhosa na beleza.

De cipreste de Senir fizeram tuas quilhas.

Do cedro-do-líbano fabricaram teu mastro;

Dos carvalhos de Bassan, os teus remos;

Teus bancos, de marfim incrustado em cedro das Ilhas de Cetim.

Tuas velas, de lindo bordado do Egito, para servir-te de estandarte. Jacinto e púrpura das ilhas de Elisa formaram teu toldo.

Os habitantes de Sidon e Arvad eram teus remeiros.

E teus sábios, em Tiro, estavam a bordo como marinheiros.

Társis, tua fornecedora, atraída pelo vulto de tuas riquezas, fornecia prata, ferro, estanho e chumbo em troca de tuas mercadorias. Javan, Tubal e Mcsec negociavam contigo: escravos e utensílios de bronze em troca de tuas mercadorias. De Bet-Togarma recebias cavalos de tração, corcéis e muas em troca de tuas mercadorias. Traficavas com os habitantes de Dedan, e inúmeras ilhas eram tuas fornecedoras. Marfim das defesas do elefante e ébano te serviam de paga. Edom era teu cliente, em vista dos teus produtos; pelas tuas mercadorias davam-te turquesas, púrpura, linho, corais e rubis. Também Judá e a terra de Israel negociavam contigo: em troca de tuas mercadorias te forneciam o trigo de Minít, cera, mel, azeite e bálsamo. Damasco negociava contigo, graças à quantidade de teus produtos e de tuas riquezas, dando-te vinho de Ilibon e lá de

Saar. Dan e Javan, desde Uzal, te proviam de ferro manufaturado, canela e cana aromática, em troca de tuas mercadorias. Dedan negociava contigo com estofos para cobertura de selas. A Arábia e todos os príncipes de Cedar negociavam com cordeiros, carneiros e bodes. Os negociantes de Sabá e de Ramá permutavam contigo as melhores qualidades de bálsamos, todas as pedras preciosas e ouro.

Faziam comércio de vestes de luxo, mantos de púrpura, tecidos multicores, tapetes coloridos, cordas bem traçadas resistentes, em troca de tuas mercadorias.

Os navios de Társis eram tuas caravanas mercantis.

Eras rica e gloriosa No coração dos mares.

Foste levada ao mar alto Pelos teus remadores;

O vento do Oriente te fez naufragar No seio dos mares.

Tal é a descrição do poeta da rica Tiro, destinada à humilhação pela ainda mais poderosa Babilônia, então alcançando o poder mundial. Mas outro poeta judeu, chamado Jeremias, foi quase que ao mesmo tempo denunciando a perversidade da Babilônia e profetizando sua maldição:

Babilônia era taça de ouro nas mãos de Javé: serviu para inebriar toda a terra.

As nações beberam de seu vinho.

Por isso ficaram alucinados.

De repente Babilônia caiu e foi destruída, gemei por ela. Buscai bálsamo para sua ferida, para ver se cura...

... Afiai as setas! Enchei as aljavas!

Javé excitou o espírito dos reis da Média.

Projeta destruir Babilônia.

Em outras passagens da Bíblia podem ser encontradas a história da maldição da

loucura de Nabucodonosor e o banquete fatal de seu filho, quando os dedos de uma mão aparecem escrevendo na parede que o reino estava para ser tomado dele naquela mesma noite. Assim, realmente aconteceu um ataque surpresa à Babilônia e o império passou para Dario da Média e Ciro da Pérsia.

Os medos e os persas eram povos mais austeros, virtuosos e de menos civilização, por terem, não havia muito tempo, emergido dos hábitos nômades; eles eram destinados a passar a tocha da civilização aos gregos no tempo apropriado.

1

Maria Montessori se refere a um fato ocorrido em 1923, já que a primeira edição desta obra saiu em 1948. (N.R.)

2

Jesus conforme Mateus, cap. XXII, v. 39. (N.R.)

3

Maria Montessori se refere ao período até 1947 em que a Índia esteve sob o domínio inglês. (N.R.)

4

Sir Henry Creswicke Rawlinson (1810-1895), inglês, diplomata, estudou a escrita cuneiforme por ocasião de uma missão de reorganização do exército do xá, na Pérsia. Decifrou as inscrições do Beistum, de Dario 1. rei persa (521-486 a.C.), obra publicada em 1851. Rawlinson foi chamado de “pai da assiriologia”, pois foi quem revelou a civilização mesopotâmica. (N.R.)

DIGNIDADE E DESFAÇATEZ

De acordo com o ponto de vista cósmico, as misturas de civilizações são ocasionadas para a obtenção de resultados desejados, assim como na arte culinária. Ingredientes diferentes são preparados separadamente, manipulados com cuidado e pacientemente deixados, talvez para ferver em fogo brando até que o ponto desejado seja atingido, antes de serem acrescentados ao prato onde o sabor adicional é necessário. Assim também no período egípcio os eventos foram poucos e aconteceram lentamente, com a civilização se espalhando pacificamente e muitas coisas sendo desenvolvidas gradualmente. A civilização da Babilônia então foi adicionada a ela como um tipo de molho, tendo ela mesma sido bem temperada com muitos ingredientes anteriores, assim também com algumas pitadas de hititas e de céticos. Acrescentaram-se os medos, mais os persas e aconteceu a transformação de tudo isso em um prato. Uma mudança química parece ter ocupado o lugar da mistura e algo uniforme e novo foi criado - algo que não estava previamente lá.

O império de Dario era muito rico e maravilhoso, com palácios em Susã, Persépolis e Tebas, todos de igual esplendor, como se houvesse

muitas capitais. Os medos tinham sido montanhese e os persas vinham da mesma origem, povos nômades como os céticos e os hititas, os quais, guiados por grandes líderes, repentinamente desenvolveram uma força devastadora e receberam os despojos da vitória. Eles tinham um grande amor pela verdade e uma reverência especial às leis; não por acaso, as leis dos medos e persas ficaram famosas por ser invioláveis. Ciro conquistou não somente a Babilônia, mas o Egito também, estabelecendo influência sobre todos os países menores. Dario consolidou o império, indicando os sátrapas, ou governadores, para governar em seu nome e administrar com justiça. Ele construiu boas estradas ligando a Índia à Grécia. Dario era muito generoso e libertou os judeus que encontrou cativos na Babilônia, para que pudessem voltar a Jerusalém e reconstruir seus templos, os quais haviam sido destruídos por Nabucodonosor.

A cama do rei em Persépolis era maravilhosamente bela; sua pérgola era coberta com uma videira onde as folhas e os frutos eram talhados em ouro. Possuidor de uma guarda composta por dez mil homens, ele conduziu uma campanha contra os céticos que viviam nas montanhas entre o Cáspio e o mar Negro, cuja força e cuja ferocidade eram fabulosas. Dario não acreditava no que era falado sobre

esses gigantes: dizia-se que eles tinham somente um olho e pés de cabra que os ajudavam a escalar as montanhas. Então, invadiu o país deles e o ocupou por quatro anos, obrigando os céticos a migrar para as estepes do Norte e do Oeste. Muitas inscrições em rocha tem sido encontradas em locais diferentes, celebrando os grandes feitos de Dario, o Rei dos Reis, como a que foi encontrada por Rawlinson numa base rochosa de 1.200 metros de altitude, em um país montanhoso pelo qual ele passou durante sua viagem para a Índia em 1828. Até mesmo esse poderoso império de Dario logo desmoronou, pois seus próprios bravos medos e persas eram insuficientes para juntos guardar um império tão vasto, dependendo, para sua defesa, de homens errantes e heterogêneos.

Dario, o Rei dos Reis, cujos decretos foram espalhados pelos quatro cantos do mundo para obediência imediata, foi um dia informado de um incidente ridículo. Um pequeno vilarejo em uma ilha da Grécia rebelou-se contra sua autoridade, tendo sido ajudado por algumas pessoas chamadas atenienses - vermes miseráveis que viviam do outro lado do mar Egeu! Era quase inacreditável que eles pudessem ousar tanto, e o poderoso Dario não levou o fato a sério, pedindo a seus cortesãos apenas que o lembrassem frequentemente do nome de Atenas - afinal, aquela cidade presunçosa não poderia ficar sem punição, apesar das preocupações do Rei com assuntos muito mais importantes.

Quem eram esses gregos das ilhas e quem eram esses atenienses inconsequentes que tinham enfrentado a cólera do Rei com uma disputa que não era deles?

A mais antiga descrição dos gregos, ou helênicos, é dada em dois longos poemas épicos - *Ilíada* e *Odisseia* -, ambos atribuídos a um poeta cego chamado Homero. *Ilíada* conta a história de uma longa guerra entre a confederação dos príncipes da Grécia e o rei de Troia, cujo filho havia roubado a linda Helena, esposa de um líder grego. Gregos e troianos eram de raças parecidas e vinham dos cáucassos, que haviam colonizado lados diferentes do Helesponto,¹ Troia (ou Ilium) sendo o estado mais velho. Troia foi finalmente tomada e destruída, e os gregos, vitoriosos, navegaram para casa, deparando com muitas aventuras e muitos perigos pelo caminho, contados em *Odisseia*, a fábula das viagens de Odisseu - homem de astúcia e perspicácia, que auxiliou muito seus amigos a trazer a vitória, mas que acabou atraindo a cólera dos deuses em decorrência de seus engodos. Então, ele naufragou e teve que sofrer muito antes que pudesse retornar para sua esposa. Entre outros que o auxiliaram estava o rei Minos, de Creta, e muito é contado sobre esse centro de civilização. Creta era chamada de “Estrela dos mares”, e a partir dela foi que primeiro se espalhou uma nova

civilização para o Oeste, diferente daquela do Egito e da Ásia. Os comerciantes cretenses negociavam com a Espanha, e certos bailarinos espanhóis ainda usam uma vestimenta derivada de Creta durante o período de Minos, antes que o palácio labiríntico fosse destruído por volta de 1500 a.C. Há não muito tempo, Sir Arthur Evans² trouxe à tona o maravilhoso palácio cretense, com galerias e tudo o mais dentro de uma única construção, realmente como um labirinto, e mostrando traços de ter sido deixado às pressas, provavelmente quando os inimigos destruíram a cidade. Diz-se que os cretenses teriam migrado para Toscana, levando com eles sua arte para a posterior fama dessa região.

Troia também foi descoberta pelo arqueólogo Heinrich Schliemann, que inicialmente se surpreendeu por ter desenterrado uma cidade que não correspondia à descrição feita em *Ilíada*. Não menos do que seis cidades foram então encontradas enterradas uma sobre a outra, sendo uma delas exatamente como a descrita por Homero.

Foram os descendentes desses gregos que no século V a.C. fizeram cair sobre si a cólera de Dario, especialmente os homens de Atenas, uma das cidades-país separadas de Hélade. No tempo devido, o rei despachou um de seus melhores generais com uma tropa punitiva para subjugar Atenas e seus amigos e trazer seus líderes capturados para Persépolis. Mas o resultado foi um grande choque para o orgulho persa, pois o impossível havia ocorrido: o rato havia conquistado o elefante! O ultrajado monarca estava preparado para ir, em pessoa, vingar-se do insulto, mas a morte o impediu: seu filho Xerxes era um homem inferior. Entretanto, para executar o plano de seu pai, Xerxes preparou uma enorme tropa de 200 mil homens, para combater cinco mil atenienses, e enviou uma esquadra formidável de navios, fantástica em beleza e enorme em tamanho. Ele tinha uma ponte de barcos ancorados de lado a lado do Helesponto, que seu exército poderia cruzar sem ter que molhar os pés, e havia um trono preparado para ele na vertente de um monte de onde poderia assistir ao triunfo de seu exército.

Atenas, agora em grande perigo, enviou uma mensagem para outros estados gregos, pedindo ajuda para que pudessem salvar juntos a terra natal comum e suas liberdades. Esparta enviou 300 homens para guarnecer a passagem do estreito de Termópilas e eles mantiveram a tropa persa lá por três dias, somente um homem tendo retornado a Esparta. Os persas, então, arrastaram-se para incendiar Atenas, mas isso foi uma vitória estéril, pois os líderes de Atenas haviam abandonado sua cidade para se refugiarem na proa de seus navios. No

estreito do Golfo de Atenas os grandes navios persas estavam em desvantagem e Xerxes teve a mortificação de ver sua frota magnífica completamente abatida na Batalha da Maratona, sendo derrotada e escoraçada em desordem.

A guerra entre gregos e persas era para durar por muitos e longos anos, com destinos variáveis, pois os gregos não poderiam manter para sempre seu alto grau de heroísmo ou fortalecer em paz os laços de união que eles tinham formado na hora do perigo. No entanto, a tocha da vida estava agora com eles e sua civilização cresceu enquanto a persa declinou, até que, 200 anos depois, ocorreria o retorno dos gregos para invadir e queimar Persépolis. A civilização tinha passado da Ásia para a Europa.

Os gregos tinham um novo ideal político - aquele referente à liberdade. Eles achavam monstruoso que um homem devesse governar e todos os outros devessem obedecer. As leis deveriam ser feitas por meio da concordância geral e então deveriam ser respeitadas. Os gregos possuíam forte autoestima e, quando unidos, eram invencíveis, ao contrário dos exércitos persas, que eram compostos de homens recrutados de muitos povos subalternos, oprimidos por tiranos. Os gregos também eram diferenciados por sua inteligência, seu amor à literatura, ao drama e à arte. Eles se preocupavam supremamente com a beleza física e com a saúde, organizando competições de atletismo.

O ESPÍRITO HELÉNICO - CRIADOR DA EUROPA

Os atenienses reconstruíram sua cidade e seus templos, gastando com abundância sua fortuna e suas habilidades artísticas em nobre arquitetura e dignidade cívica, preocupando-se o mínimo com o esplendor pessoal. Palas Atena, deusa virgem de sabedoria e protetora de sua cidade, era o seu ideal de perfeição, e o escultor Fídias foi encarregado de criar em marfim e ouro uma estátua para expressar sua beleza perfeita. Fídias, juntamente com Praxíteles e seus alunos, encheu a cidade de estátuas maravilhosas, ainda tomando a deusa como padrão de perfeição para as dimensões da forma humana e suas proporções. Os gregos observavam a beleza física como um aspecto moral, e o cultivo da saúde do corpo humano era para eles uma obrigação para com os deuses. Jogos de atletismo eram organizados como parte das festividades religiosas, e uma coroa de louros era o prêmio nas competições de força e de habilidade, sendo tão ou mais valorizada do que se fosse feita de ouro.

Atenas assumiu o comando na liberdade de pensamento. Um sábio homem

chamado Sócrates, líder de um círculo intelectual, misturou-se aos cidadãos, abordando questões capciosas, por exemplo, perguntando-lhes como uma estátua feita de marfim e ouro poderia proteger a cidade

do perigo e como eles acreditavam tão facilmente nas palavras que lhes eram ditas pelos sacerdotes, em vez de pensarem por si mesmos. Depois de algum tempo, a Câmara Municipal resolveu agir, e Sócrates foi levado a julgamento como sendo um corruptor de jovens. Após um longo julgamento, os votos de seus inimigos prevaleceram e ele foi condenado à morte por envenenamento, sendo obrigado a beber cicuta. Muitos foram os que ficaram horrorizados com a ideia da execução de um homem tão sábio que Sócrates foi particularmente avisado de que a ele seria permitido escapar de Atenas, mas ele se recusou a fugir, dizendo que Atenas tinha o direito de exigir sua vida e que não iria ofender suas leis esquivando-se delas. Passou, então, seus últimos dias discutindo questões filosóficas com seus amigos, e bebeu calmamente o veneno quando este lhe foi trazido pelo guarda que chorava. A uma pergunta sobre onde gostaria de ser enterrado, com humor Sócrates respondeu dizendo que eles teriam que agarrá-lo primeiro, antes que pudessem enterrá-lo, mas que eles poderiam fazer o que quisessem com seu corpo.

E assim o senso crítico foi estimulado, e uma sede por novos conhecimentos continuou com Platão, um dos maiores filósofos, por Eratóstenes, que foi quem revelou que a Terra era uma esfera, e ainda por Aristóteles, que pesquisou e realizou experiências sobre a ciência natural. Eles foram grandes educadores, cujos métodos nós devemos seguir hoje em dia; eles acenderam em alguns uma chama, que foi por estes espalhada para muitos. Ocorria também em Atenas, e em outras cidades gregas de menor extensão, o nascimento de uma grande literatura e do teatro; as peças de Esquilo e Eurípedes foram modelos para o drama shakespeariano, e a poesia e a literatura gregas foram copiadas pelos escritores latinos, influenciando toda a Europa. Um grande inventor foi Arquimedes, que, analisando por que razão era sustentado pela água quando nadava, descobriu os princípios básicos sobre o peso na água, utilizando-se dos olhos da imaginação. Ele também utilizou espelhos para focar os raios do Sol em uma frota romana hostil de fora de Siracusa, assim causando um incêndio que invadiu os barcos do inimigo. Arquimedes era um grande matemático e estava estudando os triângulos quando os soldados romanos invadiram seus aposentos e o mataram.

O reino da Macedônia, que era considerado pelos gregos apenas meio helénico,

atingiu um grande poder, comandado por um rei chamado Felipe, que teve sucesso na união dos estados gregos sob sua hegemonia, emocionando-os com a ideia de realizar uma invasão à Pérsia, uma antiga inimiga. O poder persa nas fronteiras da Grécia ainda significava uma ameaça, principalmente porque os helenos estavam enfraquecidos em decorrência das exaustivas guerras entre Atenas e Esparta, nas quais outros estados gregos também tomaram parte para a ruína de todos. A invasão macedônica foi o resultado, e o rei Felipe tinha reivindicado origem puramente grega para si e tido a sabedoria de colocar seu jovem filho, Alexandre, sob a tutela do filósofo Aristóteles. Os gregos, então, chegaram a um acordo com Felipe: lutariam, liderados por ele, contra a Pérsia, desde que ele não os roubasse a livre cidadania e a independência de cada um dentro de sua própria cidade, com o que Felipe concordou.

Felipe da Macedônia era um grande comandante, tendo desenvolvido novas artes de guerra, como, por exemplo, a utilização das invencíveis linhas de batalha da infantaria. Ele também desenvolveu técnicas de cavalaria usadas ainda hoje, homem e cavalo tornando-se duplamente fortes quando em perfeita união e disciplina. O jovem príncipe, Alexandre, quando contava com apenas 12 anos, estava certa vez assistindo ao treinamento desses cavalos quando teve uma explosão de riso, caçoando dos treinadores quando viu que um cavalo feroz não permitiria que nenhum deles o montasse. Os treinadores sentiram-se ofendidos pelos insultos da criança. O rei Felipe, reprovando a atitude do filho, explicou-lhe que para domar um cavalo de espírito intrépido era necessário muito tempo, mas o príncipe replicou dizendo que ele poderia fazê-lo com uma única tentativa. Para curá-lo de se gabar, o rei ordenou que o deixassem tentar. “Deixem-no aprender a lição”, disse ele. De qualquer forma todos estavam alarmados. Mas Alexandre foi até onde estava o cavalo selvagem, tomou suas rédeas e rapidamente virou sua cabeça para outra direção. Imediatamente o cavalo tornou-se quieto e permitiu ao garoto que o montasse. Todos pensaram ser mágica, mas o garoto explicou que o cavalo tinha meramente ficado assustado com sua própria sombra e assim teria empinado na aproximação do cavaleiro, até que sua cabeça tivesse sido virada. A mãe de Alexandre ensinou-lhe que ele era um filho de Zeus ou Júpiter, chefe dos deuses gregos, e isso lhe deu grande elevação da alma.

Antes que tivesse amadurecido seus planos para a invasão da Pérsia, e contando 40 anos, o rei Felipe foi assassinado, e Alexandre herdou seu trono e os devidos preparativos. Ele foi inflamado pela paixão pela conquista de outros países e pela ânsia de obter conhecimentos sobre o mundo. Alexandre reuniu cientistas e

especialistas de todos os tipos em torno de si, assim como engenheiros para a confecção de mapas - e também livros de poesia, drama e história para alívio intelectual. Ele poderia discutir com seus capitães sobre botânica e zoologia, ao redor de uma fogueira, e enviava constantemente cartas a Aristóteles, descrevendo as coisas novas que tinha visto e encaminhando amostras. Teofrasto, em Atenas, escreveu uma história de plantas e animais, baseado no material que havia sido fornecido por Alexandre.

Os soldados de Alexandre admiravam-no como sendo um ser sobrenatural e ele tinha triunfos em todos os lugares. Depois da conquista do Tiro, o rei da Pérsia tentou suborná-lo com a oferta de metade do império; o general Parmênios aconselhou-o a aceitar, mas sua resposta foi: “Eu aceitaria se fosse Parmênios, mas eu sou Alexandre!”. No Egito, ele foi saudado como o filho de Amon-Rá. Alexandre derrotou completamente os exércitos persas que foram enviados contra ele, queimou Persépolis, mas demonstrou cortesia com a realza capturada e continuou sua marcha vitoriosa até a Índia, de onde enviou à Grécia descrições de elefantes e camelos.

Agora seus soldados estavam cansados de viajar e pediam para ser levados para casa. Pela primeira vez eles não mais seguiriam Alexandre; ele se enfureceu com os soldados, mas teve que ceder e retornar. Ainda durante o percurso de volta para casa, ele queria fazer algumas explorações, para descobrir se o Golfo Pérsico era um lago ou uma parte do oceano; enviou, então, seus navios ao longo da costa, enquanto marchava com alguns de seus homens por terra. No caminho, Alexandre teve febre e morreu, pois a viagem pelo deserto era muito difícil e ele não poderia ser mais bem tratado com relação à água e comida do que seus homens, que também estavam morrendo de sede e de fome.

Assim, o império de Alexandre, o Grande, dissolveu-se. Alguns de seus generais, que tinham sido mandados para administrar províncias distantes, logo as tomaram independentes. Alexandre tinha alterado a face da Terra e essa tinha sido a primeira expedição exploradora sistemática da história, somente rivalizada pela segunda, 250 anos depois, executada pelo romano Júlio César.

Os romanos reivindicavam uma origem parecida com a dos gregos e essa seria sua tarefa: consolidar a civilização mundial que o espírito grego havia inspirado e criado.

O HOMEM - ONDE FICAM SEUS LIMITES

Foi-nos revelado um método único significativo em toda a construção natural. Está claro que a natureza segue um plano, que é o mesmo - seja para um átomo, seja para um planeta. Foi em 1924 que o embriologista Childe revelou esses pontos de atividade febril chamados de graus fisiológicos, nem todos começando juntos, ou com a mesma intensidade, mas cada um a seu próprio tempo, com cada um seguindo um curso independente. Só para começar, a unidade das células era exatamente como todas as outras, mas, por meio de suas atividades, elas cresceram para se diferenciarem e tornaram-se especializadas para a formação de um órgão e por último vieram os sistemas circulatório e nervoso para ligar cada órgão aos demais, criados similarmente em independência, mas com uma função final diferente.

Estes são considerados como sendo os princípios básicos do plano da natureza: ³

2. Desenvolvimento por meio da especialização das células.
3. Unificação dos órgãos por intermédio do (luxo do sistema circulatório).
4. Comunicação diretiva estabelecida pelo sistema nervoso.

O sangue também é constituído por células, mas sua composição contém resíduos lançados pelas células orgânicas, assim como os elementos provenientes do ambiente externo. Os hormônios são produzidos pelas glândulas endócrinas e liberados na corrente sanguínea. Eles são necessários para estimular o desenvolvimento e o crescimento dos órgãos, que são retardados quando esses hormônios são insuficientes. Um tipo de hormônio é produzido pela glândula tireoide e outro pelo fígado. As células do sangue chamadas de glóbulos vermelhos são apenas “burros de carga” que transportam o oxigênio do ar e os nutrientes da comida para todas as partes que precisam delas. Esse é o mecanismo de atendimento às necessidades físicas básicas; mas então devem ser consideradas as necessidades mais complexas, preparando o comportamento para a vida. No interesse dessas necessidades, as células efetuam uma total autorrenúncia, transformando-se, para a natureza, na função a ser satisfeita. Nos estágios mais elevados, não há somente adaptação ao trabalho, mas uma força tão veemente que nada mais importa, de maneira que somente a especialização é alcançada. Finalmente, o controle do sistema nervoso gera sensibilidade e vitalidade. Inúmeros filamentos originários do cérebro conectam tudo à psique. Um organismo não é uma mera coleção de órgãos. As células nervosas especializam-se no refinamento e uma não pode ser concebida sem

que uma outra chame para si a responsabilidade de transformar o amido em açúcar, ou de lutar contra um micróbio. Elas se aprisionam em um compartimento, o crânio, e não é por nenhuma eleição direta que elas chegam ao cargo de governantes do corpo. O embrião pode nos ensinar a falta de lógica do nosso mecanismo social, em que um grupo reivindica a dominação de um outro simplesmente pela questão da autoridade, sem que haja entendimento. A natureza é a professora da vida - deixem-nos seguir seus caminhos.

A rápida revisão que nós tivemos sobre a história da civilização humana teve como objetivo demonstrar o mesmo projeto básico em ação, pois a humanidade também é uma unidade orgânica que ainda está nascendo. Como os órgãos, os diferentes centros de civilização têm sido cuidados para resistir ao isolamento, sendo então trazidos para os contatos por meio dos quais eles se consolidaram em grandes organizações, ou dividiram o que tinham de valor para o enriquecimento de exploradores antes de serem destruídos, caso fossem tão inadaptáveis para a sobrevivência. Crueldades e explorações, as guerras e todas as formas de violência tiveram que cumprir sua parte, porque os homens não tinham percebido, ainda, sua humanidade comum e o trabalho dela no desempenho de um destino cósmico.

Forças que agitam o mundo estão agora percebendo a unidade humana como uma necessidade urgente. Já passou o tempo em que alguns grupos raciais ou de nações podiam ser civilizados, deixando outros serem servis ou bárbaros. A persistência a essas ideias ultrapassadas somente pode conduzir a mais guerras e autodestruição, e uma mudança geral de pensamento pode ser efetivada apenas pelo professor; não como tirano ou missionário, mas como um líder essencial da geração nascente. O professor moderno tem que ser um estudante entusiasta de biologia e de psicologia do crescimento da criança e também do homem. A escola deve significar algo mais do que um lugar de instrução, onde um ensina para muitos, com sofrimento para ambos os lados - a condução de um esforço com um mínimo de sucesso.

A presença escolar tem sido compulsória em todo lugar - há recenseamento militar na *front* educacional, uma mobilização comparável ao chamado feito por uma nação em perigo urgente; essa não é uma mobilização nacional, porém extremamente grandiosa, sendo universal e para a vida ao invés da morte!

Poderes imensos são confiados aos professores, que não podem evadir-se deles.

Da mesma maneira que a saúde física deve ser primeiramente considerada, deixe-nos rever quais reformas são necessárias a esse respeito, caso os professores estejam desempenhando sua responsabilidade sagrada.

É necessário que as escolas registrem as observações sobre o crescimento de cada criança, com quaisquer aberrações do padrão normal. O crescimento não é somente um aumento harmonioso do tamanho, mas uma transformação. O homem é um escultor de si mesmo, encorajado por uma força interior misteriosa para a realização de uma determinada forma ideal. O crescimento pode ser definido como uma procura pela perfeição, dada por um impulso de vida.

É essencial que a civilização produza crianças bonitas. Um antigo ditado fala que “o que vale é a beleza interior”, e as crianças têm sido dissuadidas de olhar no espelho, como uma explosão de vaidade pecaminosa. Mas nós reivindicamos que as escolas devam ser instituições que auxiliem a beleza, porque a beleza é uma indicação de condições saudáveis de vida. Boas condições induzem à beleza da forma e faz parte do Método Montessori atingir tal harmonia. Nós consideramos a beleza por meio de dois pontos de vista, o primeiro sendo hereditário e o segundo sendo induzido pelo ambiente.

A taxa de mortalidade para crianças em seu primeiro ano de vida é enorme, completamente anormal, e isso é decorrente da ignorância e da imperfeição das condições sociais e não do desejo de Deus! A taxa diminui gradualmente até a idade de seis anos, então atingindo e mantendo um nível dentro do normal dos seis aos doze anos. Aquelas mortes prematuras anormais são assassinatos, mortes não naturais, pelas quais todos temos que compartilhar nossa parte na responsabilidade, admitindo-nos como criminosos. Depois do 12^o aniversário, o nível de mortalidade sobe novamente até os 18 anos; esse é outro período perigoso, associando-se a grandes transformações, com a vida tomando-se novamente segura somente depois dos 18 anos.

Veja o adulto vitorioso, entre 24 e 36 anos, ajustado para a reprodução da vida em vez de para pagar o tributo da morte! O período reprodutivo é realmente dos 18 aos 42 anos, mas os limites mais estreitos para a idade dos pais rendem indivíduos mais fortes, que vivem até idades mais avançadas e atingem a fama. As crianças nascidas de pais muito jovens ou muito velhos apresentam, em geral, dificuldades, sendo diferentemente saudáveis e felizes.¹

Sobre essas estatísticas relacionadas à mortalidade, pode-se dizer que a escola

não precisa se preocupar com isso. Mas cada morte é uma catástrofe em meio a acidentes menores.^{4 5} A doença nem sempre traz a morte imediatamente, e a alta mortalidade entre as crianças abaixo de seis anos é uma identificação de que há um grande número de crianças doentes. Para cada criança morta deve haver uma centena de crianças doentes, parcialmente vencendo a doença. É quando a resistência dos órgãos é superada que nós caímos doentes, e para cada criança em recuperação existem muitas na fronteira de estar nessa condição.

Assim, muitas crianças em nossas escolas, abaixo de seis anos, e novamente em especial dos 12 aos 18, são fracas e predispostas a doenças, um fato que deveria ser apreciado pelos educadores.

É um erro esperar um trabalho duro e um progresso incontestável durante a puberdade. Indulgência deve ser demonstrada para com aqueles que ficam para trás nesse período. A vida de um homem está toda nessa extensão, como um cordão. Tocada em uma parte, toda a extensão vibra; assim, pode haver consequências na vida adulta, derivadas de algumas ocorrências que pareceram triviais na infância, e como acontecimentos desfavoráveis são mais prováveis durante esses momentos de fragilidade, a responsabilidade do professor é grande com relação à humanidade.

A antropologia pedagógica tem feito grandes avanços na Europa e na América nos últimos anos. Na Itália, prisioneiros têm sido estudados e tem-se identificado com frequência terem má-formação física. O homem feio e um criminoso? Um assassino ou ladrão raramente e diferente de outras crianças quando nasce, mas as condições em que vive são tais que eles não conseguem se adaptar às leis de seu país. As condições sociais atuam no corpo e na mente, e o indivíduo se torna “anormal”; o criminoso geralmente reflete os erros da sociedade. Muito raramente nascem criminosos, portanto será fácil erradicar a criminalidade do mundo, no momento em que nós entendermos e fizermos um esforço nesse sentido. A conformação física pode ser indicadora de propensões ao crime.⁶

Nota-se também que o maior número de pessoas com má-formação está entre os insanos, os quais raramente herdam geneticamente a insanidade. Há milhões de insanos hoje em dia e os números estão aumentando, mas tem sido provado não ser um caráter hereditário, assim isso diminuirá se a criança for cientificamente estudada e lhe for dado o cuidado apropriado.

A tuberculose é uma terrível calamidade, assim como o são o raquitismo, as doenças cardíacas e muitas outras deformidades do corpo, antigamente

imaginadas erroneamente como sendo hereditárias. O peito do paciente tuberculoso é anormalmente estreito e esse defeito poderia ter sido remediado por meio de exercícios corretos feitos durante a infância. O estudo da bacteriologia tem diminuído as doenças infecciosas e há de chegar o dia em que os cuidados científicos às crianças serão observados como uma profilaxia social sem a qual será vão julgar as coisas de um ponto de vista moral. Certas deformidades físicas são comprovadamente comuns em qualquer classe social - elas ocorrem igualmente para ricos ou pobres; o curioso é que muitas vezes as próprias escolas eram apontadas como as responsáveis por algumas dessas deformidades. Era como se os professores regulassem as costas das crianças, suspendendo-as com pesos nas pernas durante os períodos de descanso, e as obrigassem a sentar a maior parte do tempo com as costas curvadas sobre uma carteira. Similarmente, ao final do século passado, foi descoberto que era ruim para as crianças sentarem-se em aposentos fechados com pouca luminosidade, pois isso produzia a miopia, e o remédio era dar óculos para crianças de oito anos!

Que história terrível tem sido essa da criança! Nós podemos rir desses cuidados especiais hoje em dia, mas pelo menos as janelas começaram a ser abertas para a entrada de mais ar, e desde que a panaceia para a curvatura da coluna foi imaginada para ser aplicada em intervalos para estabilização da espinha depois do descanso de uma hora, o princípio do descanso frequente no trabalho foi estabelecido. Ainda não havia sido concebida uma possibilidade tal como uma educação feliz para as crianças, assim muitas ainda tiveram que ser sacrificadas para a civilização e o melhor que elas podiam fazer era abrir mão, reduzindo ao mínimo as horas de instrução, cortando do currículo disciplinas como gramática, geometria e álgebra, tornando a diversão externa obrigatória e adiando a idade para entrar na escola. Entretanto, aumentaram-se muito os períodos livres, encorajando as crianças mais a brincar do que a estudar, e, estranhamente, as crianças tinham permanecido mentalmente fatigadas, não obstante todas essas reformas. As escolas Montessori têm comprovado que a criança precisa de um ciclo de trabalho para o qual ela tenha sido mentalmente preparada; o trabalho inteligente feito com interesse não é fatigante e ela não deverá ser arbitrariamente interrompida de fazê-lo em virtude de um chamado para brincar. O interesse não nasce imediatamente; se quando ele tiver sido criado, o trabalho tiver que ser interrompido, será como se estivesse sendo desestimulado o apetite à comida que irá satisfazê-lo.

Por meio de longas experimentações, chegamos agora à eliminação de muitos

erros e estamos de posse de uma chave que pode abrir para as crianças os portões de uma educação saudável e feliz. De nossa coragem e de nossa perseverança na sua utilização depende o futuro da humanidade.

CONCLUSÕES

O indivíduo trilha o caminho da vida, pressionado por perigos de todos os lados. A vida é um verdadeiro campo de batalha; alguém pode sobreviver, mas estará avariado ou com cicatrizes causadas pelo sofrimento até o momento em que entra na fase pacífica da vida e toma-se um adulto triunfante. Então, ele passa a ficar sob a proteção da sociedade, que assume o lugar dos seus guardiães anteriores e fornece a ele os recursos para viver com uma companheira. Juntos, agora eles trilham o caminho da vida, escalando em direção ao seu destino desconhecido; antes que decresçam, eles terão deixado para trás frutos de seu amor. Em seu declínio eles se separam; a marcha descendente é solitária e eles passam ao esquecimento.

A sociedade considera importante o período de ascensão, quando eles estão construindo monumentos de suas ações, e todas as recompensas vão para os triunfantes e bem-sucedidos. As classes privilegiadas são o interesse e a preocupação da sociedade, a despeito da Revolução Francesa, entre outras. Os pobres ainda não tiveram a consideração apropriada e sempre resta uma classe que é ainda mais completamente ignorada, até mesmo entre os ricos. Tal classe é a da infância! Todos os problemas sociais são considerados de acordo com o ponto de vista do adulto e de suas necessidades - habitação, desemprego, questões salariais, direito de voto etc. Muito mais importantes são as necessidades da criança, em quem existem forças que podem ficar contidas ou que podem agora ser amplamente desenvolvidas, como não fora possível antes. Não é suficiente assegurar à criança comida, roupas e abrigo; da satisfação de suas necessidades mais espirituais depende o progresso da humanidade - a verdadeira criação de uma humanidade mais forte e melhor.

Os problemas sociais da criança e do adulto então integrados, mas também podem ser considerados separadamente, e a escola sustenta uma responsabilidade especial para com a criança. A juventude é universalmente recrutada na escola para o grande exército da vida. As potencialidades de uma humanidade cultivada deveriam ser a raiz de cada questão social, mas o adulto está além da reforma e os experimentos com ele repetidamente fracassam! Ele é uma matéria rígida para ser moldada para a revelação de novas possibilidades

humanas. Nós nos iludimos de que atingimos altos níveis de filantropia com nossas miseráveis migalhas de caridade social, mas até mesmo essas tais migalhas são distribuídas somente para os adultos. Para alguns, comida, para outros, uma esmola a um desempregado, para outros ainda, o privilégio da liberdade de expressão - nenhuma dessas panaceias contribui muito para melhorar as doenças sociais.

Suponha-se que nós levemos às escolas o mesmo aprimoramento social que nós somos tão orgulhosos de ter alcançado! Deixem-nos alimentar as crianças, deem-lhes um parquinho, roupas, liberdade de expressão (o direito de livremente fazer perguntas ao professor). Essas pequenas coisas serão um começo, mas não irão bastar. E para aprender que grandes medicamentos são necessários, nós precisamos estudar a natureza da humanidade, como revelada nos primeiros anos da vida. Então nós deveremos saber, com absoluta certeza, o que é necessário e também que os medicamentos podem ser muito mais efetivos se aplicados à criança do que ao adulto.

Há certamente uma diferença entre aqueles que estão famintos, nus e silenciosos e os que estão alimentados, felizes e falantes, mas essa diferença não é suficiente. É somente por meio da ciência e da personalidade valorizada que o medicamento do mundo virá - não por darmos um bocadinho de comida ou um trapo para servir de roupa, nem mesmo por darmos a cidadania.

Lá algo que falta, fundamentalmente, à humanidade e isso deve ser procurado na origem absoluta da vida. Só lá pode ser achada a chave.

Como já dissemos neste livro, os professores que estejam assumindo classes Montessori em nível mais avançado deverão estar previamente familiarizados com o curso básico, no qual a psicologia tem necessariamente uma parte maior na preparação para o método. Assim, tem havido menos ênfase aqui sobre a atitude esperada do professor em direção à criança sob seus cuidados, e alguns lembretes conclusivos não podem ser esquecidos.

No estágio adiantado, assim como no básico, o primeiro passo a dar de forma a se tornar um professor Montessori é livrar-se da onipotência e tornar-se um alegre observador. Se o professor puder realmente penetrar no prazer de ver as coisas nascendo e crescendo sob seus próprios olhos e puder vestir-se com o traje da humildade, muitos prazeres - que são negados àqueles que assumem infalibilidade e autoridade diante de uma classe - estarão reservados a ele. Tais

professores sofrem de ilusões, estando muito distantes da verdade. Eles concordam que é necessário cultivar o desejo na criança, por interesse espontâneo, mas sustentam que isso deve ser estritamente controlado e refreado. Isso é uma contradição - você não pode desenvolver pela repressão. Infelizmente, a lógica não funciona em pessoas que sofrem de ilusões, de maneira que esses professores entram na escola e começam a executar suas contradições. Eles fazem a coisa mais fácil - reprimem, dão ordens, destroem! A destruição é rápida e facilmente feita, independentemente de a estrutura ser simples ou complexa; qualquer um pode fazê-la! Mas como é difícil construir!

O professor antiquado, de forma subconsciente, fez uma exaltação de suas próprias virtudes. Ele era perfeito no sentido de saber o que deveria ser feito e o que deveria deixar de ser feito. Ele tinha seres vazios diante si para ser preenchidos com fatos, e criados moralmente à sua própria semelhança - Deus os ajude! Aqueles seres que ainda têm em sua alma outro grande criador foram forçados a parecerem-se com o professor, que estava determinado a moldá-los de acordo com seu modelo de “bondade*”, ou puni-los por desobediência. Tal professor não é sequer um tirano, pois é necessário ser inteligente para se tornar um tirano, conforme precedente histórico.

À obediência não é uma coisa mecânica, mas uma força natural de coesão social, intimamente relacionada ao desejo, até sua sublimação. À primeira vista este relato pode surpreender, mas ele é verdadeiro. A obediência da maneira correta é uma sublimação do desejo do indivíduo, uma qualidade na alma humana sem a qual a sociedade não poderia sobreviver. Mas uma obediência sem um verdadeiro autocontrole, uma obediência que não é consequência de um desejo desperto e exercitado leva nações inteiras ao desastre.

O professor faz então sua grande renúncia ao poder e à autoridade, para se encontrar imensamente vencedor por essas perdas. Ele atinge a paciência de um cientista, uma paciência que na verdade é um interesse intenso em assistir. Os cientistas também renunciam às coisas que os seres humanos geralmente consideram atrativas, mas eles pouco se arrependem disso. Nós nos lembramos de Madame Curie, que somente se aborreceu quando uma universidade quis interromper seu trabalho sobre o rádio para conferir a ela um grau honorário. Edison também, um dos primeiros amigos do Método Montessori, estava cansado de ser arrastado por sua moderna esposa para as funções sociais, quando seu coração estava de fato no laboratório. Um dia retornando para casa ele

arrancou a gravata e a roupa de gala, amarrou-as em uma trouxa e jogou pela janela, dizendo: “Lá se vai seu marido social!*” resumindo-se a um roupão e chinelos para trabalhar. As pessoas gostam daqueles que levaram em conta que não é sacrifício renunciar às coisas menores para obter grandes prazeres.

Eles fizeram de fato o que mais gostavam de fazer, tendo adquirido um interesse intenso que os transformou e enobreceu. E o professor que atinge esse estágio de interesse é similarmente transformado. Ele ou ela junta-se ao feliz grupo dos homens que tomaram o caminho da vida. Assim como os cientistas, eles penetram os segredos da vida e conquistam sua recompensa, não somente para si mesmos, mas para todos.

Crianças estressadas:

Causas, sintomas e soluções

Marilda Lipp (org.)

Educação infantil:

Enfoques em diálogo

Eloisa A.C. Rocha Sonia Kramer (orgs.)

Educação infantil: Saberes e fazeres na formação de professores

Luciana E. Ostetto (org.)

Educação infantil e diferença

Anete Abramowicz Michel Vandebroek (orgs.)

Inteligências múltiplas e seus estímulos (As)

Celso Antunes

Jardim de cada um (O)

Nye Ribeiro

Meio ambiente:

Interdisciplinaridade na prática

Karen L. Currie e colabs.

Pedagogia da felicidade de Makiguti (A)

Rita Ribeiro Voss

Pedagogia das diferenças na sala de aula

Marli Eliza D.A. de André (org.)

Por uma educação romântica

Rubem Alves

editora@papirus.com.br

www.papirus.com.br

www.papiruseditora.blogspot.com

twitter.com/PapirusEditora

PARA EDUCAR O POTENCIAL HUMANO

Este livro apresenta o que Maria Montessori chamou de Educação Cósmica, isto é, a educação da criança, a partir dos seis anos, voltada para o pleno desenvolvimento de suas capacidades para o amor e o respeito pelo mundo.

Segundo a perspectiva proposta pela autora, a operacionalização do plano maior de uma educação integral requer que se desenvolva a consciência do trabalho de cada agente cósmico, favorecendo a percepção da interdependência de todos os elementos naturais, de modo que se criem condições para que a criança, o homem do futuro, veja desabrochar em si os sentimentos de cooperação, de respeito e de amor em relação à natureza e ao cosmos.

Para tanto, ela faz uma breve análise das características infantis e apresenta, como se fossem fábulas, a história da formação da Terra, o surgimento da vida, a trajetória evolutiva até o aparecimento do homem, e nossa participação nas transformações do mundo até a atualidade, histórias que encantam a criança e despertam a curiosidade do adulto que as lê.

1ª Ed.

ISBN 978-85-308-1119-8

788530		81 1		1 98					



1

Helesponto antiga denominação do estreito de Dardanelos. (N.R.)

2

Arqueólogo inglês (1851-1941), que desenvolveu grandes e importantes pesquisas, sobretudo no norte da Europa.

3

Liberdade e independência dos órgãos em seus múltiplos desenvolvimentos.

4

A autora quer alertar sobre o problema da fôrnia eomo essas crianças são educadas, pois pais muito jovens ou pais com muita idade tendem a ser. genericamente, mais permissivos, o que pode acarretar no comportamento das crianças uma fraqueza de caráter moral, resultante dessa falha na educação. (N.R.)

5

Montessori, aqui, chama a atenção para o fato de que a mortalidade infantil também deve ser preocupação da educação. (N.R.)

6

Entre os profissionais que influenciaram o pensamento montessoriano, podemos citar o italiano Cesare Lombroso (1835-1909) - criminologista, professor e clínico psiquiatra. Dedicado estudioso das anomalias hereditárias, neurológicas e psíquicas, ele acreditava em sua relação com a formação da personalidade delinquente e defendia a tese de que determinados traços da configuração física (fisionômicos, conformação óssea etc.) poderiam identificar os criminosos. Por muito tempo sua teoria influenciou o campo do direito penal. Posteriormente desacreditada pela psicologia contemporânea, a teoria de Lombroso serviu apenas como alerta para a necessidade de um tratamento mais humano dos criminosos. (N.R.)

PAPIRUS EDITORA